

GARDENIA BARBOSA NEUBANER NASCIMENTO

Aspectos gramaticais da língua Terena

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
Março/2012

Gardenia Barbosa Neubaner Nascimento

ASPECTOS GRAMATICAIS DA LÍNGUA TERENA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Gramática de Línguas Indígenas

Orientador: Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

N244a Nascimento, Gardenia Barbosa Neubaner.
Aspectos gramaticais da língua terena [manuscrito] /
Gardenia Barbosa Neubaner Nascimento. – 2012.
127 f., enc. : il., color., fot., map. tab.

Orientador: Fábio Bonfim Duarte.

Área de concentração: Lingüística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Gramática de Línguas Indígenas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 107-113.

Apêndices: f. 114-127.

1. Língua terena – Gramática – Teses. 2. Língua terena –
Fonologia – Teses. 3. Língua terena – Morfologia – Teses. 4.
Língua terena – Concordância – Teses. I. Duarte, *Fábio Bonfim*.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.
III. Título.

CDD : 498.3



Universidade Federal de Minas Gerais Faculdade de Letras

Dissertação intitulada “*Aspectos gramaticais da língua Terena*”, de autoria da mestrandia Gardenia Barbosa Neubaner Nascimento, submetida à aprovação pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – FALE / UFMG – Orientador

Prof. Dr. Angel Corbera Mori – IEL/UNICAMP

Dr. Carlo Sandro de Oliveira Campos – FALE/UFMG

Suplente Prof. (a) Dr.(a) Thaís Cristófaró Silva– FALE/UFMG

Belo Horizonte, março de 2012
Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – 31270-901 – Brasil

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça necessária concedida durante todos esses anos;

À minha família;

À família IEMP, especialmente Faride e Antonio Pinho, por acreditarem tanto em mim quando eu não acreditava mais;

Ao meu orientador, Fábio Bonfim Duarte, pelas aulas de morfossintaxe que me despertaram o interesse pelas línguas indígenas; pelas discussões, pelo apoio e cuidado nas viagens a campo;

Ao povo Terena das aldeias de Moreira, Cachoeirinha e Argola. Inicialmente, com a disposição e prazer em nos ensinar em Belo Horizonte, com o professor Eder Nimbu. Em seguida com os corações abertos nos recebendo em suas casas no Mato Grosso do Sul, e finalmente nos visitando na pessoa do professor Aronaldo Júlio;

Aos amigos da graduação, pelas discussões que me incentivaram a ir adiante nos estudos de linguística: Victor, Amarildo, Erick e Amana. Essa turma vai ficar guardada no coração;

Ao Quesler, parceiro de estudos indígenas, irmão e amigo;

Aos amigos da pós, pelas angústias compartilhadas, as discussões, e grupos de estudos: Zezé, Christiane e Ana;

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais/FAPEMIG, pelo apoio financeiro nas viagens à campo.

Ao CNPq, que me proporcionou ter uma bolsa de estudos no segundo ano de estudos.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo descrever alguns aspectos da gramática Terena. A análise tem como foco principal a fonologia, marcação de posse, morfologia verbal e o estatuto dos afixos de concordância. Com respeito à fonologia, analiso a distribuição das consoantes e vogais com vistas a estabelecer o sistema fonológico da língua. Adicionalmente, descrevo a marcação de posse. Concluí que o Terena faz uso de marcação no núcleo e justaposição para codificar a relação possessiva entre possuidor e possuído. Outra conclusão é que a gramática diferencia entre posse alienável e inalienável. No que tange à morfologia verbal, concluí que a língua emprega vários mecanismos para alterar a valência verbal. Foi possível segmentar os morfemas aplicativo, causativo, reflexivo, recíproco e os que indicam voz passiva. Finalmente, baseando-me em Jelinek (1989), proponho que o Terena se caracteriza como uma língua de argumento pronominal. Uma evidência a favor desta análise é que argumentos verbais de primeira ou segunda pessoa são necessariamente codificados na morfologia por meio de afixos verbais. Estes, por sua vez, estão em distribuição complementar com os argumentos lexicais. Este fato nos mostra, portanto, que os afixos verbais de pessoa em Terena não se configuram como concordância, mas são de natureza argumental.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to present a description of some aspects of Terena grammar. The analysis mainly focuses on grammatical topics like phonology, possession marking, verbal morphology and the status of the agreement affixes. Regarding phonology, the analysis is concerned with the consonant and vowel distribution in order to set the phonemic system of the language. In addition, I deal with how possession is expressed in the language. One of the findings is that Terena employs head-marking and juxtaposition to encode the possession relation between the possessor and the possessed noun. Another conclusion is that the grammar differentiates alienable from inalienable possession. With regard to the verbal morphology, we found that the language can employ several types of valence changing devices. In line with this, it was possible to segment verbal morphemes related to applicative meaning, causative formation, passive voice, reflexive and reciprocal. Finally, based on Jelinek (1989), I launch the proposal that Terena is a pronominal argument language. A piece of evidence in favor of this analysis has to do with the fact that, when the verbal arguments are of first or second person, they are necessarily encoded in the verbal morphology by means of verbal affixes. Interestingly, these affixes are in complementary distribution with the lexical arguments. This fact thus proves that the verbal person affixes in Terena are not agreement, but argument in nature.

LISTA DE ABREVIATURAS

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
ACC	Acusativo
ADV	Advérbio
APL	Aplicativo
ART	Artigo
CAUS	Causativo
CL	Classificadores
CONJ	Conjunção
CT	Consoante temática
COP	Cópula
DAT	Dativo
DET	Determinante
DIR	Direcional
DU	Dual
DUB	Dubitativo
EVD	Evdencial
EXCL	Exclusivo
FUT	Futuro
GEN	Genitivo
HORT	Hortativo
IMPF	Imperfectivo
LOC	Locativo
MD	Marcador discursivo
MOD	Modo
NOM	Nominativo
OBJ	Objeto
PASS	Passiva
PE	Posse específica
PERF	Perfectivo
PL	Plural
PNE	Posse não específica
POSS	Possessivo
RECP	Recíproco
REFL	Reflexivo
SG	Singular

LISTA DE TABELAS**Capítulo 4**

Tabela 1: Fones consonantais do Terena	34
Tabela 2: Fonemas consonantais do Terena.....	40
Tabela 3: Fones vocálicos do Terena	42
Tabela 4: Fonemas vocálicos do Terena	45
Tabela 5: Ortografia Terena	50

Capítulo 5

Tabela 1: Posse específica de itens alienáveis	65
--	----

Capítulo 6

Tabela 1: Matriz fonológica do Terena.....	90
--	----

Capítulo 7

Tabela 1: Paradigma de sujeito	99
Tabela 2: Paradigma de objeto.....	104

LISTA DE FIGURAS**Capítulo 2**

Mapa 1: Família Arawák..... 20

Capítulo 3

Mapa 1: Áreas indígenas Terena no MS 24

Figura 1: Índio Terena..... 28

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
2. Família Linguística Aruák	18
3. Povo e Língua	24
2.1. Mito de criação.....	27
4. Considerações sobre a fonologia.....	30
4.1. Análises anteriores da fonética e fonologia do Terena	30
4.2. Fonologia da língua Terena.....	32
4.2.1. Consoantes	33
4.2.1.1. Processos fonológicos	40
4.2.1.1.2. Palatalização.....	41
4.2.1.1.3. Aproximante bilabial /w/	41
4.2.2. Vogais	42
4.2.2.1. Vogais longas ou tom?.....	44
4.2.2.2 Processos fonológicos	45
4.2.2.2.1. Variação das vogais médias	45
4.3. Estrutura silábica da língua Terena	46
4.4. Morfofonêmica.....	47
4.4.1. Vozeamento de segmentos obstruintes	47
4.4.2. Anteriorização vocálica.....	49
4.5. Ortografia utilizada	51
5. Marcação de posse em Terena	53
5.1. Tipos de posse	53
5.2. Fatores semânticos que influenciam a marcação de posse.....	57
5.3. Realização da posse na língua Terena.....	59
5.3.1. Posse atributiva em Terena	61
5.3.2. Marcação de posse alienável e inalienável em Terena.....	62
5.3.2.1. Posse Alienável	63
5.3.2.2. Posse Inalienável.....	66
5.3.2.2.1. Posse de Primeira Pessoa	66
5.3.2.2.2. Posse de Segunda Pessoa	69
5.3.2.2.3. Posse de terceira Pessoa	70
5.4. Considerações do capítulo.....	71
6. Morfologia verbal em Terena	73
6.1. Formação do verbo.....	73
6.2. Morfema de futuro	74
6.3. Morfema dubitativo.....	75
6.4. Morfema evidencial	76

6.5. Hortativo	77
6.6. Mecanismos de alteração de valência	79
6.6.1. Morfema aplicativo	79
6.6.2. Morfema causativo	82
6.6.2.1. Causativa lexical	82
6.6.2.2. Causativa morfológica	83
6.6.2.3. Causativa analítica	85
6.6.3. Morfema recíproco	86
6.6.4. Morfema reflexivo	87
6.6.5. Morfema de passiva	88
6.7. Considerações do capítulo.....	90
7. Estatuto da concordância na língua Terena	91
7.1. Considerações teóricas	91
7.2. Por uma noção gramatical de concordância.....	93
7.3. Realização dos argumentos verbais em Terena	95
7.3.1. Prefixos de sujeito	95
7.3.2. Sufixos verbais de objeto	101
7.4. Estatuto dos afixos pessoais na língua Terena	104
7.5. Considerações do capítulo.....	105
8. Considerações finais.....	106
9. Referências Bibliográficas	108
Apêndice.....	115

1. INTRODUÇÃO

A redução de 1200 para 180 línguas indígenas nos últimos 500 anos foi o efeito de um processo colonizador extremamente violento e continuado, o qual ainda perdura, não tendo sido interrompido nem com a independência política do país no início do século XIX, nem com a instauração do regime republicano no final desse mesmo século, nem ainda com a promulgação da “Constituição Cidadã” de 1988. Embora esta tenha sido a primeira carta magna a reconhecer direitos fundamentais dos povos indígenas, inclusive direitos linguísticos, as relações entre a sociedade majoritária e as minorias indígenas pouco mudou.

Rodrigues (2005:36)

A língua de uma comunidade constitui-se em um de seus mais importantes patrimônios. Seu desaparecimento pode trazer sérias conseqüências para o povo, tais como a perda da identidade cultural da comunidade. Atualmente, a documentação do acervo linguístico nacional reveste-se de caráter de urgência, pois muitas das línguas faladas em solo brasileiro estão em vias de extinção, processo que tem se acelerado muito nos últimos anos.

A morte linguística é definida por Crystal (2000) nos seguintes termos: “uma língua morre quando ninguém mais a fala”¹. Bauman (1980) (apud Souza, 2008:16) apresenta seis estágios de morte linguística, listados a seguir: “(i) há falantes apenas na idade adulta, (ii) a língua não é mais ensinada para as crianças

¹ Tradução da seguinte citação de Crystal (2000):
“*A language dies when nobody speaks it any more.*”

em casa, (iii) o número de falantes diminui muito rápido, (iv) os únicos falantes são bilíngues e a língua dominante é a mais usada em todas as situações, (v) a língua adapta-se facilmente a novas situações, (vi) não há literatura”.

Com relação aos estágios apresentados, o Terena apresenta variações, devido às diferenças sociolingüísticas que existem entre as diversas aldeias. Por exemplo, entre as aldeias visitadas, Moreira, Cachoeirinha, Passarinho e Babaçu, todas localizadas na região de Miranda, MS, pode-se observar que em Moreira só existem falantes que dominam o idioma entre os mais velhos, 40 anos e mais. Por este motivo, a língua não é mais ensinada em casa, e, conseqüentemente, as crianças crescem falando o português como primeira língua. Cachoeirinha, por sua vez, apresenta um quadro diferenciado, a começar pelo tamanho da aldeia e o distanciamento geográfico em relação à cidade de Miranda. A língua Terena ainda é utilizada em casa e pessoas de todas as faixas etárias dominam o idioma, sendo difícil encontrar um falante monolíngüe de português.

Isto posto, esta pesquisa justifica-se por possibilitar a descrição e documentação de uma língua que, em muitos aspectos, apresenta vários dos estágios de extinção citados. Adicionalmente, há um acentuado interesse das lideranças indígenas locais em promover ações de valorização e revitalização da língua naqueles locais onde esta encontra-se mais fragilizada. Dentre essas ações, destaco a elaboração de cartilhas didáticas e coletâneas de narrativas, que, por sua vez, podem ser usadas como material didático nas aldeias, além de treinamento e oficinas para os educadores.

Essa pesquisa teve início ao conhecermos um índio Terena, Éder Nimbu, em novembro de 2007, em Belo Horizonte. Nessa época, o informante residia em Minas Gerais para dar continuidade aos seus estudos na área de saúde. A partir das poucas aulas que tivemos nas dependências da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais o interesse por essa língua tão singular começou a crescer, culminando com duas viagens a campo, além da visita de um professor nativo a Belo Horizonte.

A primeira viagem se deu em 2008. Permanecemos nas aldeias de Moreira e Cachoeirinha dos dias 13 a 25 de janeiro, dialogando com os educadores indígenas e coletando dados para a pesquisa. A segunda viagem se deu em julho de 2009, do dia 20 ao dia 29, novamente nas aldeias de Moreira e Cachoeirinha. Por fim, em dezembro de 2011, recebemos a visita do professor indígena Aronaldo Júlio.

A conduta adotada para as coletas realizadas em BH consistiu em elicitare uma lista de termos para partes do corpo, relações de parentesco, utensílios domésticos, dentre alguns poucos outros itens lexicais e basicamente elucidar a marcação de posse na língua e a fonética.

A conduta adotada em campo consistiu em elicitare dados junto a professores indígenas. O objetivo desse estágio da coleta foi testar e corroborar hipóteses que já havíamos elaborado a partir dos dados coletados em Belo Horizonte. Adicionalmente, foram coletadas narrativas junto aos falantes mais

velhos. A partir das narrativas, alguns professores ajudaram no trabalho de glossagem e tradução para o português.

Esta dissertação está organizada em sete capítulos. O capítulo dois é dedicado às considerações sobre a história do povo Terena e sua distribuição geográfica atual. O capítulo três trata da família linguística na qual o Terena se insere, ou seja, família linguística Aruák. O capítulo quatro é dedicado à apresentação da fonética e fonologia do Terena. São apresentados os trabalhos já realizados sobre a fonética/fonologia da língua, além uma breve análise fonológica. O capítulo seguinte trata das estratégias da expressão de posse em Terena, abordando as distinções semânticas empregadas. O capítulo seis é dedicado à morfologia verbal. No capítulo sete nos dedicamos à apresentação da proposta teórica de Heloise Jelinek (1989) com vistas a testar a hipótese sobre se a língua Terena pode ser tipologicamente classificada como uma língua de argumento pronominal.

2. FAMÍLIA LINGUÍSTICA ARUÁK

As línguas da família Aruák estão presentes em boa parte da América Latina, a saber: Bolívia, Guiana, Guiana Francesa, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil, Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua. De acordo com Aikhenvald (1999), a família Aruák conta com aproximadamente 40 línguas vivas. Em solo brasileiro são 16 línguas, listadas a seguir (Rodrigues, 2005):

APURINÃ, BANÍWA DO IÇANA, BARÉ, KÁMPA, KURIPÁKO, MAXINÉRI, MEHINÁKU, PALIKÚR, PARESÍ, SALUMÃ, TARIÁNA, TERENA, WAPIXANA, WAREKÉNA, WAURÁ, YAWALAPITI

Quando da chegada dos europeus na costa americana, no século XVI, o primeiro contato deu-se com um povo Aruák, Taino. No entanto, as línguas das regiões de primeiro contato com os exploradores europeus logo desapareceram. Atualmente, a grande maioria das línguas Aruák está em risco de extinção, sendo o Guajiro e o Garifuna as poucas exceções saudáveis desta família linguística.

De acordo com Aikhenvald (1999), as línguas desta família são facilmente reconhecíveis devido à presença de “*prefixos pronominais tais como: nu - ou ta- ‘1sg’, pi- ‘2sg’, prefixos relativos ka- e negativos ma-.*”² O Terena se encontra

² Tradução da seguinte citação de Aikhenvald (1999):

no ramo que se localiza ao sul do continente. Apesar de constituir a maior família linguística da América Latina, não existem muitos trabalhos aprofundados sobre as línguas dessa família. Ainda de acordo com Aikhenvald (1999), “até o momento, nenhuma língua Aruák - com as possíveis exceções do Lokano e Resigaro - conta com uma gramática concisa (fonologia, morfologia, sintaxe), dicionário e coletânea de textos”.³

Veja na página seguinte um mapa com a localização geográfica das línguas da família Aruák.

“The majority of native South American scholars use the name ‘Aruák’ (‘Aruák’) to refer to the group of unquestionably related languages easily recognizable by pronominal prefixes such as nu- or ta- ‘1sg’, pi- ‘2sg’, relative prefix ka- and negative ma-.”

³ Tradução da seguinte citação de Aikhenvald (1999)

“At present, no Aruák language- with the possible exceptions of Lokono and Resigaro has been provided with a comprehensive grammar (phonology, morphology, syntax), dictionary and text collection.”

ARUÁK DO SUL E SUDOESTE:⁵**(1) Aruák do sul**

Terena; Kinikinau⁶ †; Guané/Layana †; Chané/Izoceño †; Bauré;
Moxo, ou Ignaciano; Moxo: Trinitário; Paiconeca †; Pauna †; Apolista
†; Salumã

(2) Pareci-Xingu**Xingu**

Waurá; Mehinaku; Yawalapiti !; Kustenaú †

Pareci-Saraveca

Pareci !; Saraveca †

(3) Aruák do sudoeste**Piro-Apuriná**

Piro; Chontaquiro; Apurina/Ipurina, Cangiti; Iñapari †; Mashko-Piro

(4) Campa

Ashaninca; Asheninca; Caquinte !; Machiguenga; Nomatsiguenga;
Pajonal Campa

(5) Amuesha

Amuesha

(6) Chamicuro

Chamicuro †

⁵ Os símbolos utilizados são os seguintes: (!) língua ameaçada de extinção; (†) língua extinta.

⁶ Uma tese de 2007 atesta o fato de que o Kinikinau ainda é falado no Brasil. (Souza, 2007)

ARUÁK DO NORTE:**(7) Rio Branco**

Wapishana; Mawayana/Mapidian/Mawakwa !

(8) Palikur

Palikur; Marawan †; Aruan/Aroã †

(9) Caribenho, ou Extremo Norte

Island Carib (Iñeri) †; Garifuna (Black Carib, Cariff)

Subgrupo do Caribenho

Lokono/Aruák; Guajiro/Wayyu; Añun/Parauhano; Taino †; Caquetio †; Shebayo †

(10) Norte-Amazônico**Colombiano**

Resigaró †; Yucuna ! (Guaru†); Achagua !; Piapoco; Cabiari !;
Maipure †

Alto Rio Negro

Baniwa do Içana/Kurripaco; Tariana !; Guarequena !;

Orinoco

Bare !; Baniwa de Guainia !; Yavitero † (Baniwa do Yavita);
Mandawak †; Yabaana †

Médio Rio Negro

Kaixana !; Manao †; Bahwana/Chiriana !

No capítulo seguinte apresento algumas considerações sobre o povo Terena e sua localização geográfica.

3. POVO E LÍNGUA

De acordo com dados da Funasa, divulgados no site do Instituto Sócioambiental⁷, no ano de 2009 existiam cerca de 24.776 Terena estabelecidos, em sua maioria, no estado do Mato Grosso do Sul, distribuídos por sete municípios: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Nioaque, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia e Rochedo. Existem também algumas famílias em Dourados e no estado de São Paulo.

A seguir, a listagem das terras habitadas pelos Terena⁸:

- Água Limpa (MS)
- Limão Verde (MS)
- Buriti (MS)
- Taunay/Ipegue (MS)
- Aldeinha (MS)
- Araribá (SP)
- Buritizinho (MS)
- Dourados (MS)
- Icatu (SP)
- Kadiwéu (MS)
- Lalima (MS)
- Nioaque (MS)
- Pilade Rebuá (MS)

⁷ <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Terena/1041>

⁸ <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1043>

Antes de habitarem as terras do Mato Grosso do Sul, os Terena habitavam no Êxiva, cuja localização atual é conhecida como Chaco. Nesta época os povos Aruák que habitavam o Êxiva eram conhecidos como Guaná pelos conquistadores espanhóis. Francisco Aguirre (apud Bittencourt, 2000), conta que

Os Guaná, em seu idioma “Chané”, isto é, “muita gente”, habitam o Chaco paraguaio... das margens do rio Paraguai até aos confins do Peru. É a nação mais numerosa. As nações Guaná que se conhecem nesta parte oriental são 5: Layana, Etelenoe ou Etelena, Equinquinao, Neguecatemi e Hechoaladi.

A partir da chegada dos exploradores europeus, por volta do século XVI, a história e geografia do Êxiva começaram a mudar. Em meados do século XVII, pressionados pelas constantes guerras entre portugueses, espanhóis, além de conflitos com outros povos indígenas da região, os Terena foram aos poucos deixando o Êxiva em direção ao sudoeste do Mato Grosso do Sul, onde se estabeleceram na região de Miranda e Aquidauana. Este processo de migração se estendeu até o início do século XIX.

Com a eclosão e fim da guerra contra o Paraguai em meados do século XIX, os Terena vêem suas terras cair nas mãos de antigos oficiais do exército brasileiro que já estavam na região. Mesmo tendo lutado na guerra a favor do império, os Terena não tiveram reconhecimento do governo e não receberam suas terras de volta. Até os dias de hoje a questão da terra está em aberto para esta etnia, que disputa o território palmo a palmo com os fazendeiros da região.

2.1. MITO DE CRIAÇÃO

Mostro, a seguir, a transcrição do mito de criação do povo Terena. Esse relato foi colhido em 20 de janeiro de 2009. A gravação foi feita com o índio terena Elço Albuquerque, residente da aldeia Cachoeirinha.

Antigamente, os Terena vieram de uma pessoa chamada Oreka Yuvakae. Era uma pessoa sozinha e ele andou muito no mundo sozinho. Quando ele percebeu que estava precisando de companheiro, aí ele se cortou no meio, no umbigo, embaixo e pra cima onde formou mais uma pessoa, uma companheira. Ele foi andando, aí começou a criação de outros, gerar filhos. E ao longo dos tempos eles viviam num buraco, numa gruta. Todas as famílias começaram a viver na gruta. Formou uma família grande. Em certo tempo essas pessoas começaram a sair pra fora, mas antes disso, porque eles não comunicavam com ninguém, os pais deles- que estavam criando eles, os filhos, a família- viviam caçando, buscando alimentos para essas pessoas nuas, sabe? Aí, nesse buraco onde eles viviam tapavam com um monte de palhas de capim porque ali não entrava sol. Além disso, cobria com capim a boca do buraco. E tinha uma pessoa, não sei se era homem, que fazia arapuca por um certo tempo. Essa pessoa fazia essa arapuca pra pegar qualquer tipo de pássaros, de bichos ali. Então Oreka Yuvakae ficava só pegando, pegando o que foi pego pela arapuca. E sumia. E essa pessoa não sabia quem pegava a arapuca dele, que era Oreka Yuvakae para alimentar os filhos dele com os bichos. Aí, certo tempo acontecia, né, essa arapuca sumia e aí o bem-te-vi via a pessoa que pegava isso, mas não falava. Ai quando a pessoa voltou de novo- muito tempo passava- ai depois

começou a descobrir quando o bem-te-vi começou a pegar o capim na boca do buraco pra mostrar pra esse dono da arapuca que tinha gente ali, naquele buraco. Eram os índios Terena. Ali saíram os Terena, todos com frio, tremendo de frio, pra fora. Ali ninguém comunicava com o outro, ninguém falava, só tudo quieto. Aí os bichos viam essas pessoas não comunicando com ninguém e começaram a fazer algum gesto pra ver se essas pessoas poderiam se comunicar com outras. Ou se sorriam; alguma coisa. Fizeram vários tipos de demonstração para ver a reação dessas pessoas. Aí foi lobinho fazer graça pra eles, mas ninguém deu confiança. Aí foi vez de coelho, outros bichos. Aí chegou a vez do sapo “kalalaké”, um sapinho bem vermelho que incha muito. Ele começou a fazer graça e aí começaram os terena a sorrir. Aí diz que com a saída desse aí chegou uma pessoa oferecendo algo para essas pessoas pra poderem sobreviver. Alguns levaram instrumento pra fazer lavoura, outros alguma coisa pra poder aprender a escrever, mas Terena escolheu instrumento pra fazer lavouras. Por isso que os Terena são agricultores. Ai começaram a produzir lavoura pra alimentar os filhos. Foi ali que tudo começou.



Figura 1: Índio Terena

No capítulo seguinte trataremos da fonética e fonologia da língua Terena. Serão apresentados os trabalhos anteriores realizados sobre a fonética e fonologia da língua Terena, além de uma breve análise nos moldes pikeanos.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA

Este capítulo tem por objetivo apresentar as principais descrições do sistema fonológico da língua Terena realizadas até agora. Adicionalmente, será apresentada uma análise fonológica da língua nos moldes estruturalistas. Neste capítulo os dados são transcritos foneticamente, para tanto, utilizo o Alfabeto Fonético Internacional, fonte SIL Doulos IPA. Acompanhando o mesmo procedimento adotado por Souza (2008), optei por não marcar o acento, visto que ainda não existe consenso sobre se a língua Terena é tonal ou acentual.

O capítulo está organizado em cinco subseções. A primeira subseção apresenta um resumo dos trabalhos já realizados sobre a fonética e fonologia da língua Terena. A seção 4.2 apresenta a análise fonológica dos segmentos consonantais e vocálicos, seguida da descrição dos processos e contextos de alofonia. A seção 4.3 versa sobre a estrutura silábica da língua. A seção 4.4 é dedicada à análise da morfofonêmica do Terena. Por fim, a última seção apresenta a ortografia utilizada nos capítulos seguintes.

4.1. ANÁLISES ANTERIORES DA FONÉTICA E FONOLOGIA DO TERENA

A primeira descrição fonológica do Terena de que se tem notícia data do ano de 1946, de Margaret Harden. Neste trabalho a autora se concentra na descrição da estrutura silábica da língua. A autora apresenta o seguinte quadro

fonológico consonantal para a língua: /p t k ʔ s ʃ h hy m n l r w y/. Para as vogais, Harden (1946) lista /i e a o u/. Bendor (1960) apresenta o mesmo quadro já presente em Harden (1946). A análise de Ekdahl e Grimes (1964) vem posterior à análise de Bendor-Samuel. Este é um texto que versa sobre a flexão verbal em Terena, onde os autores listam em nota de rodapé quais seriam os segmentos compondo o inventário fonológico, o qual não diverge das propostas anteriores.

O trabalho seguinte sobre a fonologia Terena é de Eastlack (1968). Este é um dos trabalhos que mais diverge dos anteriores, em que o autor considera 19 fonemas no total, a saber: /p b t d k g ʔ v s z ʃ ʒ h hh m n ny l r/. O inventário das vogais não difere dos inventários propostos anteriormente.

Butler (1978), também na seção de notas, aponta o quadro fonêmico do Terena com os elementos a seguir: /p t k ʔ h hh s ʃ l r m n v y/. O quadro das vogais é semelhante aos apresentados anteriormente.

Faz-se importante destacar que esses inventários foram apresentados de maneira muito breve em alguma seção ou em nota de rodapé de artigos cujo foco não foi a descrição da fonologia. Mais precisamente, a apresentação da fonologia ocorreu de uma maneira secundária à discussão de outros aspectos gramaticais.

Mais recentemente, três trabalhos foram desenvolvidos a respeito da fonética e fonologia do Terena. O primeiro se refere à dissertação de mestrado, intitulada *Descrição fonológica da língua Terena*, defendida na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, por Denise Silva, em 2009.

O segundo texto corresponde à dissertação de mestrado defendida na Universidade de São Paulo, por Cosme Romero Martins, em 2009, e se intitula *Fonologia da língua Terena*.

O terceiro trabalho corresponde à monografia de bacharelado, intitulada *Aspectos da gramática Terena*, defendida no âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais por mim em 2009. Este trabalho teve por objetivo a descrição de aspectos da fonologia e da morfossintaxe da língua Terena

Todas as análises são de cunho estruturalista, nos moldes de Pike (1947) e Kindell (1981). Estas análises também divergem com relação ao número de fonemas encontrados. Silva (2009) encontra 13 fonemas consonantais /p t k ʔ m n s ʃ h r l w j/ e 10 fonemas vocálicos /i i: ε ε: a a: u u: ɔ ɔ:/. Martins (2009) não caracteriza as vogais longas como fonológicas e, para a aproximante /w/, presente em Silva, o autor escolhe o fonema /v/. A próxima seção é dedicada à análise fonêmica do Terena, nos moldes pikeanos.

4.2. FONOLOGIA DA LÍNGUA TERENA

Nesta seção apresento a análise fonológica dos segmentos consonantais e vocálicos da língua Terena, nos moldes de uma análise pikeana (Pike, 1947). O objetivo é identificar os sons que contrastam entre si e que nos permitem afirmar quais são realmente os fonemas da língua. De acordo com Silva (2002) “o procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora seja idêntica.” Tal conjunto de

palavras, constitui-se em um par mínimo. No entanto, nem sempre é possível encontrar todos os pares mínimos necessários. A alternativa comumente utilizada é, então, lançar mão de pares análogos.

Nesta dissertação, os contrastes são apresentados em onset, em início (#CV) e meio de palavra (.CV). Foi possível verificar que todos os segmentos consonantais podem ocorrer em posição de onset, mas não em posição de coda. Não foi possível registrar a ocorrência da oclusiva glotal /ʔ/ em início de palavra. Nas próximas seções, são apresentadas as alofonias encontradas na língua.

4.2.1. CONSOANTES

O Terena apresenta um sistema composto por treze fonemas consonantais: oclusivas, fricativas, nasais, aproximantes, lateral e vibrante simples. Os parâmetros relevantes para a descrição da fonologia Terena são o ponto e o modo de articulação, sendo que vozeamento não implica em distinção. As consoantes [p], [t], [k], [s], [ʃ], e [h], têm todas sua contraparte pré-nasalizada sonorizada. As condições que propiciam a pré-nasalização serão descritas adiante. O quadro a seguir apresenta as realizações fonéticas da língua:

CONSOANTES DO TERENA

	Bilabial	Lábio dental	Alveolar	Pós Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p		t			k	ʔ
Oclusiva prenasalizada	^m b		ⁿ d			^ŋ g	
Nasal	m		n		ɲ		
Tepe			ɾ				
Fricativa		v	s	ʃ			h
Fricativa prenasalizada			ⁿ z	ⁿ ʒ			
Africada				tʃ			
Africada Prenasalizada				ⁿ dʒ			
Aproximante	w				j		
Lateral			l		lʲ		

Tabela 1: Fones consonantais do Terena

A seguir apresento os contrastes relevantes, organizados por ponto e modo de articulação. Vale ressaltar que não foi possível identificar todos os pares mínimos necessários para esta análise. Importante salientar que, quando não especificada a fonte, os exemplos foram coletados diretamente por mim.

Bilabiais

/p/ : /m/

#CV

(1) pɔhi “pato”

(2) mɔhi “brinquedo”

.CV

(3) nimake “bolsa”

(4) nɛpake “jogo de baralho”

/p/ : /w/

#CV

(5) pɔʔi “outro”

(6) wɔʔu “mão”

.CV

(7) ɛpɛkɔa “ele quer”

(8) ɛwɛkɔa “acompanhar”

/m/ : /w/

#CV

(9) waka “vaca”

(10) maka “também”

.CV

(11) kamɔ “cavalo”

(12) ka:rwɔ “sabão”

Silva (2009)

Alveolares

/t/ : /n/

#CV

(13) tikɔti “árvore”

(14) nikɔti “comer”

.CV

(15) itikɔti “fazendo”

(16) inikɔti “comer junto”

/t/ : /r/

#CV

(17) təkəpə “encontrar”

(18) ropəkə “ferver”

.CV

(19) itikəti “fazendo”

(20) irikəti “derrubando”

/t/ : /s/

#CV

(21) tima “tipo de ave”

(22) sima “chegar”

/n/ : /r/

#CV

(23) nəkəe “desprovido”

(24) rəkə “bicho de pé”

Martins (2009)

.CV

(25) ɛnɛ “este”

(26) ɛɛ “cinzas”

Martins (2009)

/l/ : /n/

#CV

(27) lɛɛ “irmã mais velha”

(28) nɛnɛ “língua”

/l/ : /r/

#CV

(29) lɔpɛ “esquerda”

(30) rɔkɛ “bicho de pé”

Martins (2009)

.CV

(31) ilumɛkɔti “brilhar”

(32) irumɛkɔti “acendeu”

Glottais**/h/ : /ʔ/**

.CV

(33) kɔhɛ: “lua”

(34) kɔʔɛ: “batata doce”

Oclusivas**/p/ : /t/**

#CV

(35) pɛti “casa”

(36) tɛti “pimenta”

.CV

(37) itikɔti “fazendo algo”

(38) ipikɔti “fazendo ter medo”

/p/ : /k/

#CV

(39) kɔʔijea “dizer algo”

(40) pɔʔijea “outro”

.CV

(41) sɔpɔɔɔ “milho”

(42) tɔkɔɔɔ “tipo de macaco”

/t/ : /k/

#CV

(43) tɔnɔiti “verde”

(44) kɔnɔeti “sentir dor de
coluna”

/k/ : /ʔ/

.CV

(45) haka “dente”

(46) haʔa “pai”

Nasais

/m/ : /n/

#CV

(47) momiti “cansado”

(48) nomiti “vaga-lume”

.CV(C)

(49) arumɔ “piranha”

(50) arunɔj “moça”

Fricativas*/s/ : /ʃ/*

#CV

(51) sinati “genro”

(52) ʃinati “você é forte”

.CV

(53) kasati “frio”

(54) kaʃɛ “gente”

/s/ : /h/

#CV

(55) sima “chegar”

(56) hima “enfeite Terena”

/ʃ/ : /h/

#CV

(57) ʃanɛ “gente”

(58) hanɛ “moribundo”

Aproximantes*/w/ : /j/*

#CV

(59) wane “objetos para vender”

(60) jane “então”

Martins (2009)

.CV

(61) awo “ainda não”

(62) ajo “irmão”

Souza (2008)

Tomando por base a análise apresentada acima, arrolo, a seguir, o quadro consonantal, composto por 13 fonemas, que proponho para a língua Terena.

QUADRO FONÊMICO: CONSOANTES DO TERENA

	Bilabial	Alveolar	Pós Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t			k	ʔ
Nasal	m	n				
Tepe		r				
Fricativa		s	ʃ			h
Aproximante	w			j		
Lateral		l				

Tabela 2: Fonemas consonantais do Terena

Na próxima subseção, o objetivo é apresentar a descrição das alofonias encontradas na língua.

4.2.1.1. PROCESSOS FONOLÓGICOS

Os fonemas a seguir apresentam alofonias. Algumas das alofonias são condicionadas pelo ambiente de ocorrência, ou seja, estão em distribuição complementar, enquanto outros alofones estão em variação livre.

4.2.1.1.2. PALATALIZAÇÃO

- (63) /t/ → [tʃ] / __ i¹⁰
- /ɔvɔkuti/ → [ɔvɔkutʃi] “casa”
- /itikoti/ → [itʃikotʃi] “fazer”
- /kuti ja/ → [kutʃi ja] “o que é?”
- (64) /ʃ/ → [tʃ] / em todos os contextos
- /kaʃɛ/ → [katʃɛ] “sol, dia”
- /ɔʃu/ → [ɔtʃu] “avô”
- /ʃeʔa/ → [tʃeʔa] “filho”
- (65) /n/ → [ɲ] / em todos os contextos
- /noneti/ → [ɲoneti] “plantação”
- (66) /l/ → [lʲ] em todos os contextos
- /lapape/ → [lʲapape] “beju”
- /ʃuluki/ → [ʃulʲuki] “tatu peba”

4.2.1.1.3. APROXIMANTE BILABIAL /w/

A aproximante bilabial /w/ pode se realizar como [w] ou [v], sendo que os dois segmentos em questão estão em variação livre. Confira os exemplos abaixo:

¹⁰ Os fenômenos representados de (63) a (67) estão em variação livre.

(67) /w/ → [v] em todos os contextos

/ɔwɔkuti/ → [ɔvɔkuti] ~ [ɔwɔkuti] “casa”

/awɔ/ → [awɔ] ~ [avɔ] “ainda não”

/iwɔkɔwɔnɛ/ → [iwɔkɔwɔnɛ] ~ [ivɔkɔvɔnɛ] “morreu”

/parawa/ → [parawa] ~ [parava] “arara”

4.2.2. VOGAIS

O Terena apresenta um quadro vocálico composto pela oposição de vogais altas anteriores e posteriores, médias anteriores e posteriores, além da vogal central baixa. A nasalização ocorre como decorrência do processo de assimilação. Todas as vogais podem ocorrer em início, meio e fim de palavra. Tomando por base o exposto acima, proponho o seguinte quadro fonético das vogais da língua Terena:

QUADRO FONÉTICO: VOGAIS DO TERENA

		Anterior não-arredondada			Central			Posterior arredondada		
		Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa
Alta	Fechada	i	ĩ	i:	ɨ			u	ũ	u:
Média		e	ẽ	e:				o	õ	o:
Média -baixa	Aberta	ɛ		ɛ:				ɔ		ɔ:
Baixa					a	ã	a:			

Tabela 3: Fones vocálicos do Terena

A seguir apresento os contrastes relevantes, organizados por altura e posição da língua. Vale ressaltar que não foi possível identificar todos os pares mínimos necessários para esta análise. Quando não especificada a fonte, os exemplos foram coletados diretamente por mim.

Altas

/i/ : /u/

(68) tikoa “tamanduá”

(69) itukoa “ele fez algo”

Anteriores

/i/ : /ɛ/

(70) hɔi “mato”

(71) hɔ:ɛ “peixe”

Posteriores

/u/ : /ɔ/

(72) puʔi “gordo”

(73) pɔʔi “outro”

Médias e Baixas

/ɛ/ : /a/

(74) ʃɛʔa “filho”

(75) ʃaʔa “peito”

/ɔ/ : /a/

(76) hɔʔɔ “mel”

(77) haʔa “pai”

Martins (2009)

/ɔ/ : /ɛ/

(78) ukɔ “chuva”

(79) ukɛ “olho”

4.2.2.1. VOGAIS LONGAS OU TOM?

Já vem de algum tempo a discussão sobre a presença de tom em Terena. Butler (1977) afirma a existência de dois tons: alto e decrescente. O correlato gráfico dos dois tons são os acentos (^ decrescente) e (´ alto). De acordo com a autora, o tom é atribuído a uma das três sílabas iniciais de um verbo, regido por fatores morfossintáticos, tais como posse, foco no agente e foco no objeto. O acento agudo indica que a sílaba é pronunciada com tom alto, implicando em alongamento da consoante seguinte. O acento circunflexo indica que a sílaba é pronunciada com tom decrescente, implicando em alongamento da vogal seguinte.

Para Martins (2009) não se trata de uma língua tonal, mas acentual. Nessa linha, o autor afirma que a língua não contrasta vogais longas e breves no nível subjacente, sendo sua ocorrência condicionada pelos dois tipos de acento que a língua dispõe. Por sua vez, para Silva (2009), o alongamento das vogais é fonológico, e a língua apresenta o padrão acentual. Para os fins da presente

análise, seguindo Martins (2009), iremos considerar que a língua não apresenta contraste entre vogais longas e breves no nível subjacente.

Para concluir esta seção, apresento a seguir o quadro fonológico das vogais na língua Terena.

QUADRO 2: VOGAIS DO TERENA

	Anterior não- arredondada	Central	Posterior arredondada
Alta	i		u
Média -baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a	

Tabela 4: Fonemas vocálicos do Terena

A presente análise difere das análises anteriores em que Silva (2009) considera 10 vogais fonológicas, ao passo que nosso trabalho considera somente 5 vogais fonológicas. Em consonância com Martins (2009), não caracterizamos as vogais longas como fonológicas. Por outro lado, nossa análise difere da análise em Martins (2009) com relação à aproximante bilabial em sua variação com a fricativa labiodental, para a qual escolhemos /w/ como fonema.

4.2.2.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS

4.2.2.2.1. VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS

As vogais médias anterior e posterior /ɛ/ e /ɔ/ estão em variação livre com as vogais [e] e [o]. Foi possível observar quando da visita a campo que os falantes têm preferência pelas vogais abertas. Observe os exemplos abaixo:

- (80) /V +aberta/ → [V -aberta]/ em todos os contextos
 /kɔɛpɛkɔ/ → [kɔɛpɛkɔ] ~ [kɔɛpɛko] “matar”
 /ɔvɔkuti/ → [ɔvɔkuti] ~ [ɔvɔkuti]

4.3. ESTRUTURA SILÁBICA DA LÍNGUA TERENA

Os trabalhos realizados sobre a língua Terena citados anteriormente também discutem a estrutura silábica. Butler (1994), em um texto que explica a ortografia da língua, apresenta em poucas palavras os padrões V, CV, VV e CVV. A estrutura apresentada por Martins (2009) segue a mesma linha dos trabalhos de Ekhdal e Butler, com o padrão (C)V(V). Silva (2009) apresenta o molde silábico (C)V(C), com as aproximantes /w/ e /j/ sendo os únicos segmentos consonantais permitidos em posição de coda.

No nosso trabalho optamos pelo padrão (C)V(V), visto ser este mais adequado à descrição das seqüências vocálicas da língua. Nesta estrutura, todas as consoantes podem ocorrer em posição de onset, com exceção da consoante oclusiva glotal que só ocorre em posição de onset em meio de palavra. O núcleo silábico será sempre ocupado por um segmento vocálico.

4.4. MORFOFONÊMICA

4.4.1. VOZEAMENTO DE SEGMENTOS OBSTRUINTES

As consoantes obstruintes sofrem um processo de assimilação regressiva quando da inserção do traço suprasegmental [+N], indicativo de primeira pessoa em verbos e nomes, como na regra proposta a seguir:

$$(81) \quad /C/ \rightarrow [+VOZ] / \text{ ____ } \begin{matrix} [+N] \\ [+NAS] \end{matrix}$$

Observe os exemplos a seguir:

$$/p/ \rightarrow [p], [{}^m b]$$

$$(82) \quad /p\text{ɔ}inu/ \rightarrow [{}^m b\text{ɔ}inu] \text{ “meu irmão”}$$

$$/t/ \rightarrow [t], [{}^n d]$$

$$(83) \quad /t\text{aki}/ \rightarrow [{}^n d\text{aki}] \text{ “meu braço”}$$

$$/k/ \rightarrow [k], [{}^n g]$$

$$(84) \quad /k\text{ɔ}ep\text{e}k\text{ɔ}/ \rightarrow [{}^n g\text{ɔ}ep\text{e}k\text{ɔ}] \text{ “eu matei”}$$

$$/s/ \rightarrow [s], [{}^n z]$$

$$(85) \quad /i\text{s}\text{a}\text{n}\text{e}ti/ \rightarrow [i{}^n z\text{a}\text{n}\text{e}] \text{ “minha roça”}$$

$$/ʃ/ \rightarrow [ʃ], [{}^n ʒ]$$

$$(86) \quad /n\text{ɔ}ix\text{oti}/ \rightarrow [n\text{ɔ}i{}^n ʒ\text{ɔ}a] \text{ “eu vejo algo”}$$

$$/h/ \rightarrow [h], [{}^n ʒ], [{}^n z]$$

$$(87) \quad /h\text{ura}/ \rightarrow [{}^n ʒ\text{ɔ}ra] \text{ “minha barriga”}$$

(88) /haʔati/ → [ʰzaʔa] “meu pai”

/w/ → [w], [ʰw], [v], [ʰv]

(89) /wɔʔu/ → [ʰwɔʔu] ~ [ʰvoʔu] “minha mão”

Observe aqui que a prenasalização da aproximante /w/ não é um fenômeno produtivo na língua, sendo este o único vocábulo onde o fenômeno foi encontrado. Quando a aproximante, ou seu alofone [v], ocorrem em um vocábulo trissílabo ou maior, a consoante se torna imune ao processo e o próximo segmento oclusivo é que será prenasalizado. Observe os exemplos abaixo:

(90) [ivatakɔkuti]
“banco, assento”

(90a) [ivã^ʰdakɔŋɛ]
“já me assentei”

(91) [vɔʔɔku]
“na mão dele”

(91a) [vɔʔõ^ʰgu]
“na minha mão”

(92) [ɔvɔku]
“casa”

(92a) [ɔvõ^ʰgu]
“minha casa”

4.4.2. ANTERIORIZAÇÃO VOCÁLICA

Para a expressão da segunda pessoa, o Terena conta com o morfema {y.}, prefixado a raízes que iniciam em vogal, conforme nos exemplos (93), (94) e (95) abaixo:

- (93) [jovoku]
y-ovoku¹¹
2-casa
“tua casa”
- (94) [juporiti]
y-upori-ti
2-ser magra-IMPF
“você é magra”
- (95) [japetinoemo]
y-ape-ti-noe-mo
2-estar-IMPF-PL-FUT
“vocês vão estar lá”

Contudo, devido às restrições do padrão silábico da língua, o morfema {y.} não se afixa a raízes iniciadas por consoante. Nestes casos, a solução encontrada pela língua é a preservação dos traços¹² [+ alto] e [+ anterior] do morfema, os quais são inseridos na primeira vogal capaz de recebê-los. Observe os exemplos a seguir:

/u/ → /i/

- | | | |
|------|-------------------------|----------|
| (96) | [itukoti | ovokuti] |
| | ø-itu-k-o-ti | ovoku-ti |
| | 3-construir-CT-MOD-IMPF | casa-PNE |
| | “ele está fazendo casa” | |

¹¹ A segunda linha dos exemplos de (94) a (96) corresponde à transcrição ortográfica.

¹² Os traços aqui devem ser entendidos de uma maneira informal, baseados em seu ponto de articulação.

4.5. ORTOGRAFIA UTILIZADA

A ortografia utilizada atualmente nas aldeias segue orientação dos trabalhos realizados por Ekdahl e Butler. Esta será a mesma ortografia utilizada no presente trabalho, com exceção dos acentos. Os grafemas utilizados são os seguintes:

Consoantes		Vogais	
Fonemas	Grafemas	Fonemas	Grafemas
/p/	p, mb ¹³	/i/	i
/t/	t, nd	/ɛ/	e
/k/	k, ng	/a/	a
/ʔ/	´	/ɔ/	o
/m/	m	/u/	u
/n/	n		
/s/	s, nz		
/ʃ/	x, nj		
/h/	h, nj, nz		
/l/	l		
/r/	r		
/w/	v		
/j/	y		

Tabela 5: Ortografia Terena

No próximo capítulo temos por objetivo apresentar as estratégias de posse empregadas pelas línguas, além das distinções semânticas observadas. Em

¹³ Os fonemas /p/, /t/, /k/, /s/, /ʃ/, /h/ apresentam um alofone prenasalizado.

seguida, temos por objetivo analisar o fenômeno da posse tal como realizado em Terena.

5. MARCAÇÃO DE POSSE EM TERENA

Este capítulo tem por objetivo apresentar as estratégias de marcação da posse atributiva e predicativa em Terena. Conforme veremos nas próximas seções, podemos afirmar que o Terena é uma língua de marcação no núcleo. Observa-se que a língua apresenta uma distinção na marcação de itens de posse alienável e inalienável, sendo que a forma inalienável recebe menos marcação morfológica quando comparada à forma alienável.

Com exceção dos dados da língua Terena, coletados diretamente por mim, os exemplos contidos neste capítulo foram retirados do *site* The World Atlas of Languages Structures Online, doravante WALSL, Payne (1997) e Whaley (1997).

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 5.1 são apresentados os tipos de posse encontrados nas línguas humanas; a seção 5.2 apresenta os fatores semânticos que influenciam a marcação de posse; na seção 5.3 as estratégias de marcação de posse em Terena são apresentadas e na seção 5.4 são apresentadas as conclusões do capítulo.

5.1. TIPOS DE POSSE

As construções de posse em uma língua são chamadas de construções possessivas. Estas construções são formadas por um item possuído que se relaciona a outro item possuidor (genitivo). No entanto, nem todas as construções possessivas denotam a posse material de um item. Por exemplo, as relações de

Entre as principais maneiras de explicitar a posse predicativa estão as construções transitivas *having* e *belonging*. Essas duas construções são usadas para diferir aspectos pragmáticos e discursivos (Perniss e Zeshan, 2008), conforme mostram os exemplos abaixo:

(6) *Eu tenho uma casa.*

(7) *A casa me pertence.*

No primeiro exemplo, a ênfase está no possuidor e o item possuído aparece como objeto direto do verbo, o qual vem precedido do artigo indefinido. No exemplo (7) a situação se inverte, visto que a ênfase agora está sobre o item possuído. Note que este vem antecedido do artigo definido.

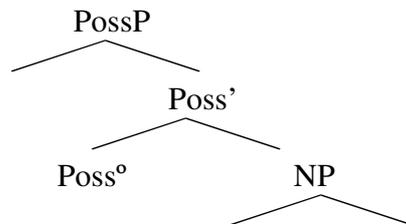
Segundo Perniss e Zeshan (2008), “no caso da posse predicativa, a proposição como um todo consiste de uma asserção da própria relação possessiva, como informação nova. Pelo contrário, uma construção possessiva atributiva é sintagmaticamente encaixada, como informação velha, dentro de uma proposição declarando algo sobre um item possuído”¹⁴.

No que concerne à posse atributiva, as línguas podem variar em relação ao *locus* da marcação da posse. Mais precisamente, o que se observa é que esta pode ocorrer no núcleo ou no complemento. Nos sintagmas possessivos, enquanto o

¹⁴ Tradução da seguinte citação de Perniss e Zeshan (2008):

“in the case of predicative possession, the proposition as a whole consists of an assertion of the possessive relationship itself, as new information. In contrast, an attributive possession construction is phrasally embedded, as old information, within a proposition declaring something about the possessed item.”

nome possuído é o núcleo, o item possuidor é o sintagma dependente (modificador), conforme busco mostrar pelo esquema X-barra delineado pela árvore sintática abaixo:



De acordo com Nichols e Bickel (2011), as línguas podem fazer essa distinção por meio das seguintes estratégias gramaticais:

- **Marcação no item possuído**

Língua Fijian

- (8) *a mata-i Jone*
 ART eye-POSS John
 “John’s eye”

- (9) *a liga-i ‘eirau*
 ART hand-POSS 1DU.EXCL
 “our hand(s)”

- **Marcação no item possuidor**

Língua Chechena

- (10) *loem-an k’orni*
 lion-GEN baby.animal
 “lion cub”, “lion’s cub” (lit. ‘of-lion cub’)

- (11) *mashie-an maax*
 car-GEN price
 “the price of a car” (lit. ‘of-car price’)

Português

- (12) *carro do Carlos*

- **Marcação no possuidor e no possuído**

Southern Sierra Miwok

- (13) *cuku-ŋ* *hu:ki-ʔ-hy:*
 dog-GEN tail-3SG
 “dog’s tail” (lit. ‘of-dog its tail’)

- **Nenhuma marcação (justaposição)**

Asmat

- (14) *Warsé* *ci*
 Warse canoe
 “Warse’s canoe”

Em suma, observa-se que as estratégias de realização gramatical da posse nas línguas naturais se dá de maneira variada, visto que pode haver, pelo menos, dois tipos de marcação morfológica. Ou seja, pode haver marcas de posse no núcleo ou no complemento. Em suma, o que se observa é que uma mesma língua pode apresentar mais de uma estratégia de marcação de posse.

Na próxima seção, o objetivo é mostrar que as línguas naturais podem estabelecer distinções de base semântica na codificação da relação de posse. Por esta razão, a literatura tipológica vem mostrando que as línguas naturais podem apresentar a seguinte distinção: nomes que denotam posse inalienável e nomes que denotam posse alienável.

5.2. FATORES SEMÂNTICOS QUE INFLUENCIAM A MARCAÇÃO DE POSSE

De acordo com Bickel & Nichols (2011), em algumas línguas que utilizam a marcação de posse no núcleo, certos itens não podem ser utilizados sem que o seu status de possuído esteja formalmente marcado. Esta é a razão pela

qual uma língua marca a oposição entre nomes obrigatoriamente possuídos e nomes opcionalmente possuídos. Por sua vez, esses dois conceitos são frequentemente relacionados à oposição entre posse alienável e inalienável. Veja a definição de Crystal (1988:22) sobre posse inalienável, a seguir:

Termo usado em análise gramatical com referência a um tipo de relação possessiva formalmente marcada em algumas línguas, como o chinês. Quando o item possuído só tem uma dependência temporária ou não-essencial com o possuidor, ele é "alienável", ao passo que, se a relação com o possuidor for permanente ou necessária, ele é inalienável.

A posse alienável pode vir a ser interrompida de alguma maneira. Isto ocorre quando uma pessoa vende um item sob sua posse para outro indivíduo ou quando essa mesma pessoa adquire um item, ou, por alguma razão, esse item é perecível. Para entendermos tais contextos, examinemos o exemplo do Crioulo do Suriname a seguir:

- Crioulo do Suriname
- (15) *a wagi fu mi de gi mi baala*
 the vehicle for 1SG COP give 1SG brother
 "My car is for my brother"

Neste exemplo temos as duas formas de marcação: [a wagi fu mi] representa a marcação de posse alienável, enquanto [mi baala] apresenta a marcação de posse inalienável. A posse inalienável caracteriza-se como o tipo de posse que não pode ser perdida, ou ao menos não facilmente. Os itens que prototipicamente pertencem à classe dos inalienáveis compreendem termos de relação de parentesco e partes do corpo. No entanto, o conceito de inalienável é

bastante variável entre as culturas, pois pode haver um *mismatch* em virtude do fato de que itens que deveriam pertencer a uma classe são agrupados em outra. O seguinte exemplo do Guarani Mbya nos mostra esta variação. O item *ky*, ‘piolho’, é tratado como um item de posse inalienável, o que não se verifica na língua portuguesa, por exemplo.

Guarani Mbia

- (16) *he* \emptyset -*ky*
 “meu piolho”

Tomando por base as considerações esboçadas acima, o objetivo, na próxima seção, é explicitar qual ou quais desses mecanismos estão presentes na língua Terena.

5.3. REALIZAÇÃO DA POSSE NA LÍNGUA TERENA

O Terena faz uso de duas formas de posse atributiva e uma forma de posse predicativa. A forma predicativa é codificada por meio do verbo *ape*. Note que este verbo também é usado em construções existenciais. É importante ressaltar que Rosa (2010) analisa este item lexical como um pronome indefinido. No entanto, o mesmo comportamento não se verifica nos nossos dados, de maneira que minha hipótese é a de que este item corresponda a um elemento verbal, dada a sua capacidade de receber afixos verbais, tais como morfemas de tempo, modo, aspecto, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (17) *ape-hi kupaterexa ra varututu*
 ter-EVD compadre DET urubu
 "diz que este urubu tinha compadre".
- (18) *ape mopoa'ti ihine ne aronaldo*
 ter três filha DET Aronaldo
 "Aronaldo tem três filhas"
- (19) *ape hoyeno ape-ti peyo tamuku*
 haver homem ter-IMPF CL cachorro
 "havia um homem que tinha um cachorro"

Adicionalmente, foi-nos possível verificar que a construção de posse predicativa tem um *overlap* com a construção de tipo existencial, conforme indicam os exemplos a seguir:

- (20) *ape-hi ayui ne ho'openo hiko*
 haver-EVD festa DET CL PL

mekuke ya vanukeke.
 antigamente LOC céu
 "Antigamente, houve uma festa da bicharada no céu"
- (21) *y-ape-ti-noe-mo*
 2-estar-IMPF-PL-FUT
 "vocês vão estar lá"

Este fenômeno já foi observado em outras línguas, conforme o exemplo a seguir:

- Luganda
- (22) *lo eke na bongo*
 3SG be and/with garment
 "She has a garment"

Neste exemplo, a predicação é realizada por meio de um verbo existencial, *eke*, literalmente significando que 'ela está com uma peça de roupa'. De acordo com Heine (1997), (apud Perniss e Zeshan (2008)), o conceito de existência faz

parte de um grupo de esquemas de eventos ou domínio fonte de onde derivam as construções possessivas. Os domínios fonte seriam estereótipos de eventos baseados na experiência concreta.

Passemos agora à análise dos dados que evidenciam como se dá a marcação de posse atributiva em Terena. Veremos que dentre as estratégias gramaticais apresentadas anteriormente, o Terena emprega duas, a saber: marcação no item possuído e justaposição, conforme veremos na próxima subseção.

5.3.1. POSSE ATRIBUTIVA EM TERENA

Como afirmado anteriormente, o Terena apresenta duas formas de marcação de posse: marcação no núcleo nominal e justaposição. A marcação no núcleo nominal se dá de duas maneiras, a saber:

(i) o nome possuído recebe marca de pessoa e número

(23) *hinga-po ovongu-ke*
 ir-DIR 1.casa-LOC
 “vamos embora pra minha casa.”

(ii) o nome possuído recebe marca de pessoa e número mais um marcador de posse { .na }

(24) *∅-kava-ne onvoe-na ne Elvis*
 3PS-vender-PERF 1.jabuti-POSS DET Elvis
 “Elvis vendeu meu jabuti”

A justaposição se dá por meio da ocorrência da ordem possuído-possuidor, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (25) *nika* *ongo*
 comida 1.tia
 “comida da minha tia”
- (26) *ayui* *ho'openo* *vanuke-ke*
 festa CL céu-LOC
 "a festa dos pássaros no céu..."
- (27) *∅-noi-x-o-a* *xuaum* *ne* *xe'exa* *inikone*
 3-ver-CT-MOD-3OBJ João DET filho amigo
 “João viu o filho de seu amigo”

Na próxima seção, o objetivo é apresentar os fatores semânticos que governam a marcação da posse em Terena. Conforme será possível verificar, a língua distribui os nomes entre duas classes maiores de nomes: possuíveis e não possuíveis. Dentre a classe de nomes possuíveis, é possível operar outra subdivisão, tomando por base o fato de que nomes que denotam posse alienável se comportam de maneira diferenciada, quando comparados com nomes que denotam posse inalienável.

5.3.2. MARCAÇÃO DE POSSE ALIENÁVEL E INALIENÁVEL EM TERENA

Encontramos duas classes principais de nomes em Terena. Na primeira classe, há os nomes não possuíveis. Estes compreendem os nomes de elementos da natureza, animais e designações de lugares. Estes nomes, em geral, não recebem marcação de posse, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (28) *kaxe*
 “sol”

- (29) *mote*
 “terra”

Já os nomes possuíveis, podem ser subclassificados em itens que denotam posse não-específica, alienável ou inalienável. Nas próximas páginas discuto essa subclassificação em detalhe.

5.3.2.1. POSSE ALIENÁVEL

Em geral, o que se nota é que a posse não específica é marcada pelo sufixo {.ti}, tanto em nomes alienáveis quanto em itens inalienáveis. Quando a especificidade da posse é marcada no nome, o sufixo {.ti} cai, conforme se vê pelos exemplos a seguir.

- (30) *ovoku-ti*
 casa-PNE
 “casa de alguém”
- (30a) *ovongu*
 1.casa
 “minha casa”
- (31) *ipovo-ti*
 roupa-PNE
 “roupa de alguém”
- (31a) *imbovo*
 1.roupa
 “minha roupa”

A marcação de posse específica de itens alienáveis ocorre utilizando-se os morfemas de pessoa, acrescidos da partícula enclítica {.na} ao nome que figura como o núcleo do sintagma possessivo, conforme mostram os dados a seguir.

(32) *yuxu*
“pilão”

(32a) *yuxu-na*
pilão-POSS
“pilão dele”

(33) *uto-ti*
prato-PNE
“prato de alguém”

(33a) *unda-na*
1.prato-POSS
“meu prato”

(33b) *y-uta-na*
2.prato-POSS
“teu prato”

(33c) \emptyset -*uta-na*
3.prato-POSS
“prato dele”

(33d) *vi-ta-na*
1.prato-POSS
“nosso prato”

(33e) *y-uta-na-noe*
2.prato-POSS-PL
“prato de vocês”

(33f) *uta-na-hiko*
prato-POSS-PL
“prato deles”

- (34) *kaxe-na* *kopenoti*
 dia-POSS índio
 “dia do índio”

Em síntese, os dados de posse elencados até aqui permitem-nos propor o seguinte paradigma morfológico dos morfemas que figuram no núcleo do sintagma possessivo para indicar a posse alienável:

POSSE ESPECÍFICA DE ITENS ALIENÁVEIS

1PS	traço nasal...-na
2PS	i- ... -na
3PS	NP _{possuído} na
	NP _{possuído} na NP _{possuidor}
1PP	v- ... -na
2PP	i- ... na-noe
3PP	NP _{possuído} na hiko

Tabela 1: Posse específica de itens alienáveis

Adicionalmente, a pesquisa de campo revelou que os nomes que entraram na língua, a partir de empréstimo, recebem a marcação de posse de acordo com o paradigma dos nomes alienáveis, a qual se dá sistematicamente por meio da inserção da partícula { .na } enclítica ao nome possuído. Os dados abaixo mostram esses contextos.

- (35) *pereketa*
 “chinelo”

- (35a) *pereketa-na*
 chinelo-POSS
 “chinelo dele”

(36) *mesa*
 “mesa”

(36a) *menza-na*
 1.mesa-POSS
 “minha mesa”

5.3.2.2. POSSE INALIENÁVEL

Nesta seção apresento a marcação de itens que denotam posse inalienável. Na primeira subseção, arrolo a marcação de primeira pessoa, enquanto, na segunda subseção, abordo a marcação de posse de segunda pessoa. Em Terena são marcados como itens de posse inalienável itens que se referem a partes do corpo, nomes que denotam relação de parentesco, e itens referentes a utensílios domésticos, dentre outros.

A próxima seção apresenta a estratégia de marcação de posse da primeira pessoa do singular. É importante salientar que a marcação de posse na primeira pessoa do singular apresenta um processo morfofonêmico de espraiamento do morfema nasal muito similar à que ocorre para indicação da primeira pessoa singular no verbo.

5.3.2.2.1. POSSE DE PRIMEIRA PESSOA

A indicação da posse de primeira pessoa se dá por meio da inserção de um traço [+ NASAL] no nome possuído, sendo que essa inserção é acompanhada da sonorização do seguimento consonantal seguinte, conforme a regra proposta no capítulo de fonologia, repetida abaixo (35):

- (37) /C/ → [+VOZ] / ___ N
 [+NAS]

Vejam os alguns exemplos:

[p] → [ᵐb]

- (38) *paho*
 “boca”

- (38a) *mbaho*
 1. boca
 “minha boca”

[t] → [ᵐd]

- (39) *taki*
 “braço”

- (39a) *ndaki*
 1. braço
 “meu braço”

[k] → [ᵐg]

- (40) *kavane*
 “roça”

- (40a) *ngavane*
 1. roça
 “minha roça”

[s] → [ᵐz]

- (41) *ose*
 “avó”

- (41a) *onze*
 1. avó
 “minha avó”

[ʃ] → [ʃ̃]

(42) *xe'a*
“filho”

(42a) *nje'a*
1.filho
“meu filho”

[h] → [h̃] ~ [h̃z]¹⁵

(43) *hura*
“barriga”

(43a) *njura*
1.barriga
“minha barriga”

(44) *ha'a*
“pai”

(44a) *nza'a*
1.pai
“meu pai”

Quando o segmento em questão já é sonoro, só há a inserção do traço nasal, ocorrendo um segmento pré-nasalizado.

[v] → [ṽ]

(45) *vo'u*
“mão”

(45a) *nvo'u*
1. mão
“minha mão”

¹⁵ A possibilidade de haver duas formas resultantes neste processo nos parece ser resquício do fone fricativo glotal palatalizado, não atestado nas coletas para esta pesquisa, mas frequentemente citado nos trabalhos produzidos pelos missionários.

A seção seguinte é dedicada à análise da realização de posse de segunda pessoa do singular.

5.3.2.2.2. POSSE DE SEGUNDA PESSOA

Para a expressão da segunda pessoa, o Terena conta com o morfema {y.}, prefixado a raízes que iniciam em vogal, conforme o exemplo (46) abaixo.

- (46) *okovo*
“alma”
- (46a) *y-okovo*
2.alma
“tua alma”

Devido às restrições do padrão silábico da língua, o morfema {y.} não se afixa a raízes iniciadas por consoante. Nestes casos há a preservação dos traços [+ALTO] e [+ANTERIOR], os quais são inseridos na primeira vogal capaz de recebê-los, conforme descrito no capítulo de fonologia. Observemos os exemplos a seguir:

- (47) *heve*
“pé”
- (47a) *hivi*
2.pé
“teu pé”
- (48) *nene-ti*
língua-PNE
“língua de alguém”
- (48a) *nini*
2.língua
“tua língua”

No entanto, é possível encontrar algumas palavras na língua que fogem ao

processo apresentado anteriormente. Nestes casos, ao invés da mudança da qualidade vocálica ocorre a inserção de um infixo, de acordo com a qualidade da primeira vogal da sílaba. O padrão observado é a inserção de uma vogal [+ANTERIOR] e [+ALTA] para uma vogal [-ANTERIOR], conforme os exemplos abaixo:

(49) *hura*
“barriga”

(49a) *hiura*
“tua barriga”

(50) *taki*
“braço”

(50a) *teaki*
“teu braço”

5.3.2.2.3. POSSE DE TERCEIRA PESSOA

A posse de terceira pessoa recebe marca { \emptyset -}, como pode ser verificado nos exemplos abaixo. Os exemplos são apresentados na sua comparação com a primeira e segunda pessoas:

(51) *enoti*
“mãe”

(51a) *enom*
1.mãe
“minha mãe”

(51b) *y-eno*
2-mãe
“tua mãe”

(51c) *\emptyset -eno*
3-mãe
“mãe dele”

- (52) *kenoti*
“orelha”
- (52a) *ngeno*
1.orelha
“minha orelha”
- (52b) *kino*
orelha.2
“tua orelha”
- (52c) \emptyset -*keno*
3-orelha
“orelha dele”

5.4. CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Neste capítulo, o foco foi descrever as estratégias de marcação de posse na língua Terena. Notamos que a língua dispõe de um verbo transitivo para codificar a posse predicativa. Para as construções atributivas, a língua emprega a marcação no núcleo e justaposição na sequência possuído-possuidor, ou seja, núcleo-complemento.

Foi possível ainda observar que existe uma distinção entre duas classes de nomes: aqueles que denotam posse alienável e aqueles que denotam posse inalienável. De acordo com Payne (2002), é comum que a forma alienável exiba mais marcação morfológica e sintática em relação à forma inalienável. Conforme vimos, o Terena confirma esta predição, uma vez que para a marcação de posse alienável a língua dispõe de um morfema de marcação de posse, concomitante às marcas de pessoa. Por sua vez, a posse inalienável é realizada somente por meio das marcas de pessoa.

De acordo com o Payne (2002: 105), “este fato pode ser visto como um ícone da ligação conceitual mais próxima entre possuidor e item possuído na posse inalienável”¹⁶. Ou seja, dentre os itens geralmente marcados com posse inalienável, encontram-se mais facilmente itens referentes às partes do corpo. Em suma, as línguas tendem a marcar com menos material morfossintático uma relação que, por si só, já é de proximidade com o falante. Para a marcação de posse alienável, a qual é conceitualmente e espacialmente mais distante do falante, as línguas tendem a empregar mais material morfossintático. Note que este fato explica a razão por que itens que se referem a elementos da natureza, extremamente distantes espacialmente, não recebem marcas de posse, dada a impossibilidade do falante de possuí-los. Essa hipótese, conhecida como hipótese da iconicidade, prediz que “a distância linguística entre expressões corresponde à distância conceitual entre eles”¹⁷.

No próximo capítulo trataremos da morfologia verbal. O objetivo é apresentar e descrever os principais morfemas que compõem o verbo Terena em seus contextos de ocorrência.

¹⁶ Tradução da seguinte citação de Payne (2002:105):

“This fact can be seen as an icon of the closer conceptual link between possessor and possessed item in inalienable possession.”

¹⁷ Tradução da seguinte citação de Haiman (1983:782):

“The linguistic distance between expressions corresponds to the conceptual distance between them.”

6. MORFOLOGIA VERBAL EM TERENA

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns aspectos relevantes da morfologia verbal em Terena. Serão elencados os principais morfemas que se juntam à raiz do verbo, tais como o morfema evidencial, o morfema do modo hortativo, e os morfemas de alteração da valência verbal.

O capítulo está organizado da seguinte maneira. A seção 1 é dedicada à formação do verbo em Terena. A seção 2 objetiva descrever o morfema de marcação de futuro. A terceira seção apresenta o morfema dubitativo. A seção 4 é dedicada ao morfema evidencial. A seção 5 tem por objetivo a descrição do modo hortativo. Na seção seguinte, nos dedicamos à descrição dos mecanismos de alteração da valência verbal. Na última seção, apresento as considerações finais do capítulo.

6.1. FORMAÇÃO DO VERBO

O Terena é classificado como uma língua aglutinante (Aikhenvald (2009), Rosa (2010)), portanto o verbo carrega a complexidade morfológica da língua. De acordo com Ekdahl e Grimes (1964), as raízes verbais ativas podem ser divididas em três classes, a depender da consoante temática que recebem, quais sejam: *k*, *x*, \emptyset . De acordo com os autores, não está claro qual seja a motivação semântica para a ocorrência desses afixos. Rosa (2010) propõe, ao todo, seis consoantes

temáticas, a saber: *k*, *x*, *h*, *m*, *w*, \emptyset . Neste trabalho averiguamos a existência de apenas quatro consoantes temáticas: *k*, *x*, *h*, \emptyset .

Para Ekdahl e Grimes (1964), modo em Terena pode ser realizado por meio de sufixo ou prefixo. O sufixo {*.o*} marca modo atual e figura logo após a consoante temática. Já os prefixos {*a.*} e {*o.*} marcam modo potencial.

Para fins do presente trabalho, usaremos a distinção aspectual proposta em Rosa (2010), que distingue dois aspectos verbais: o perfectivo, marcado pelo sufixo {*.ne*} e o aspecto imperfectivo, marcado pelo sufixo {*.ti*}. Começamos, então, com a apresentação do morfema de futuro.

6.2. MORFEMA DE FUTURO

A marcação de tempo futuro em Terena é feita por meio do morfema {*.mo*}. Este sufixo se configura como um dos mecanismos de marcação temporal morfológica da língua. Outra maneira de especificar tempo dá-se por meio de expressões temporais. Compare os exemplos a seguir de (1) a (3) com o exemplo (4), no qual o falante utiliza uma expressão temporal:

- | | | | | |
|-----|--|------------------------|------------------|-----------------------|
| (1) | <i>ø-koepe-k-o-a-ti-mo</i>
3-matar-CT-MOD-3OBJ-IMPF-FUT
“o homem vai matar o cavalo” | <i>hoyeno</i>
homem | <i>ne</i>
DET | <i>kamo</i>
cavalo |
| (2) | <i>y-ape-ti-noe-mo</i>
2-estar-IMPF-PL-FUT
“vocês vão estar lá” | | | |
| (3) | <i>pi'a-mo</i>
dois-FUT
“vai ser dois” | | | |

6.4. MORFEMA EVIDENCIAL

Algumas línguas contam com mecanismos para codificar gramaticalmente a evidência de que o falante dispõe quando enuncia algo. Tais mecanismos são conhecidos como evidenciais. De acordo com de Haan (2011), os evidenciais se dividem em dois grupos: diretos e indiretos. Para Aikhenvald (2006), existem 13 subsistemas de evidenciais baseados nas distinções que os falantes fazem sobre as fontes de informação, brevemente listados a seguir:

A1: firsthand x nonfirsthand

A2: nonfirsthand & everything else

A3: reported & everything else

A4: sensory evidence & reported

B1: direct (or visual), inferred & reported

B2: visual, nonvisual, sensory, inferred

B3: visual, nonvisual sensory, reported

B4: nonvisual sensory, inferred, reported

B5: reported, quotative & everything else

C1: visual, nonvisual sensory, inferred, reported

C2: visual or direct evidence, inferred, assumed, reported

C3: direct (or visual), inferred, reported, quotative

D1: visual, nonvisual sensory, inferred, assumed & reported

Segundo Derbyshire (1986:526 apud de Haan, 2011), o Terena conta com um morfema verbal evidencial indireto. Na presente análise, foi possível confirmar a existência de tal recurso. Seguindo a sistematização proposta por Aikhenvald, o morfema evidencial do Terena se encaixa no grupo A3. Neste grupo estão incluídas as línguas que contam somente com um morfema para veicular informação adquirida de ouvir/contar versus todos os outros tipos de informação.

Nos exemplos abaixo, a evidencialidade é indicada por meio do sufixo {.hi}. Em tal contexto, este afixo é usado para indicar que o falante não presenciou os fatos, vindo a ter conhecimento dos mesmos por meio de terceiros.

- (9) *ape-hi* *ayui* *ne* *ho'openo* *hiko*
 existir-EVD festa DET CL muito
- mekuke* *ya* *vanukeke*.
 antigamente LOC céu
 "dizem que antigamente, houve uma festa da bicharada no céu"
- (10) *poeha-ne-hi* *varututu* *ape* *huxo*
 somente-PERF-EVD urubu ter violão
 "dizem que somente o urubu tem violão".
- (11) *yane* *∅-simo-ne-hi* *ne* *varututu*
 MD 3-chegar-PERF-EVD DET urubu
 "então dizem que o urubu chegou....."

6.5. HORTATIVO

De acordo com Bybee et al (1994:321), no modo hortativo, "o falante está encorajando ou incitando alguém à ação". A diferença entre o modo hortativo e o modo impêrativo está na presença ou ausência do falante na execução da ação

pretendida. Essa distinção pode ser observada nos dados do inglês arrolados abaixo. Note que, no primeiro exemplo, somente o imperativo é expresso. No segundo exemplo, o falante se inclui na execução da ação intencionada.

(12) *go*
“vá”

(13) *let's go*
“vamos”

Em Terena o modo hortativo é expresso pelo verbo *hinga*. No entanto, antes de analisarmos o seu uso no modo hortativo, cabem aqui algumas considerações sobre o seu uso como verbo de movimento, significando ‘ir’. Em tais contextos este verbo ocorre na posição inicial da oração e pode receber a partícula de direcionamento {.po}, que acompanha outros verbos de movimento, tais como *piho* ‘ir’, por exemplo. Ademais, este verbo seleciona um NP marcado pela posposição locativa {.ke}, fato que também se verifica com outros verbos de movimento no Terena. A título de ilustração, observemos os exemplos abaixo:

(14) *hinga-po sala-ke*
HORT-DIR sala-LOC
“vamos para a sala”

(15) *hinga-po ovongu-ke*
ir-DIR 1.casa-LOC
“vamos embora pra minha casa”

(16) *hinga-po ya ovongu-ke*
ir-DIR PREP 1.casa-LOC
“vamos embora pra minha casa”

A construção no modo hortativo é realizada por meio de uma locução perifrástica, contextos nos quais o verbo *hinga* funciona como um auxiliar,

perdendo, por conseguinte, o seu significado original de movimento. Note ainda que este item não recebe o sufixo de direcionamento {.po}. Nestes contextos, apenas o verbo principal recebe esse afixo, além das marcas de pessoa, tempo e aspecto, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

(17) *hinga* *ni-k-o-ti* *uti*
 HORT COMER-CT-MOD-IMPF 1
 “vamos comer”

(18) *hinga* *v-imo-k-o-po-ti-ne*
 HORT 1.dormir-CT-MOD-DIR-?-?
 “vamos dormir”

6.6. MECANISMOS DE ALTERAÇÃO DE VALÊNCIA

De acordo com Whaley (1997), as línguas podem contar com vários mecanismos para alterar a valência de um verbo. Em Terena podemos encontrar mecanismos de aumento e diminuição da valência verbal. Os mecanismos de aumento são o morfema aplicativo e o morfema causativo. Os mecanismos de diminuição de valência incluem a passiva, o morfema de recíproco e o morfema reflexivo. Nas próximas seções, estes mecanismos serão analisados em detalhe.

6.6.1. MORFEMA APLICATIVO

O termo aplicativo surgiu em referência à propriedade que algumas línguas têm de aumentar a valência verbal por meio da adição de um morfema à morfologia do verbo, o qual propicia a introdução de um objeto extra na predicação. Pylkkänen (2002) define uma estrutura aplicativo como a “adição de

um objeto indireto à estrutura argumental de um verbo”¹⁸. A autora estabelece uma tipologia, dividindo os núcleos aplicativos entre altos e baixos. Para Pylkkänen, aplicativos altos “denotam uma relação entre um evento e um indivíduo” e aplicativos baixos “denotam uma relação entre dois indivíduos.” A autora propõe um diagnóstico a respeito da restrição de transitividade, segundo o qual “somente núcleos aplicativos altos seriam capazes de se combinar com verbos inergativos. Tendo em vista que um núcleo aplicativo baixo denota uma relação entre o objeto direto e o objeto indireto, não pode ocorrer em uma estrutura na qual não haja um objeto direto” (Pylkkänen, 2002:23).

A partir da tipologia delineada acima, passemos à observação dos dados do Terena. O morfema aplicativo em Terena é *{.ino}*, o qual ocorre na forma de sufixo, precedendo o morfema de concordância de objeto e posterior à consoante temática e o morfema de modo. Observe os dados a seguir, retirados da narrativa ‘A história das pêras’¹⁹:

- (19) *yane kopuhi-k-o-p-ino-a-ne mbalayu-na-ke*
 MD encher-CT-MOD-DIR-APL-3OBJ-PERF balaio-POSS-LOC
 “então encheram o balaio em benefício dele”

Para efeito de contextualização, neste ponto da história, um menino que havia roubado um balaio de pêras cai com sua bicicleta e vê as pêras se espalharem pelo chão. Neste momento aparecem outros três garotos que o ajudam a se limpar e a se levantar. Além disso, juntam todas as frutas de volta no balaio para ele.

¹⁸ Tradução de: “adding an indirect object to the argument structure of a verb.” Pylkkänen, 2002.

¹⁹ Esta narrativa encontra-se no apêndice dessa dissertação.

A partir da comparação do exemplo (19) com o exemplo (20) a seguir, podemos constatar que o morfema aplicativo é *{.ino}*, pois no evento descrito pelo mesmo verbo *kopuhuu* não há leitura de beneficiário. O homem somente trouxe recipientes para encher. Este exemplo diz respeito a um momento anterior da narrativa, onde um agricultor colhe pêras.

- (20) *yane pi'ane ihaku kopuhuu*
 MD dois recipiente encher
- motovati kavane-yea-mea pora hoyeno*
 poder vender-?-DUB DET homem
 “então este homem encheu duas vasilhas para talvez poder vender”

Passemos agora à tipologia estabelecida em Pylkkänen (2002).

Observemos o exemplo em (21), com o verbo inergativo *híyokexoti* “dançar”:

- (21) *∅-hiyoke-x-o ra seno kalivono*
 3-dancar-CT-MOD DET mulher criança
 “a menina dança”

Note que, no exemplo acima, o sujeito está posposto ao verbo e vem precedido pelo determinante *ra*. Compare o exemplo (21) com o exemplo (22). Neste último, é possível adicionar um novo argumento à estrutura argumental do verbo *dançar*. Curiosamente, a adição desse argumento só é possível se houver adição do morfema aplicativo *{-ino}*. Observe ainda que o acréscimo do objeto muda a ordem de VS para VOS, conforme mostra o exemplo abaixo.

- (22) *∅-hiyoke-x-ino eno ra seno kalivono*
 3-dancar-CT-APL mãe DET mulher criança
 “a menina dança para a mãe/pela mãe”

A partir dos dados acima, concluo que o afixo *{.ino}* se comporta como o morfema aplicativo alto, dada a sua capacidade de ocorrer com verbos inergativos.

6.6.2. MORFEMA CAUSATIVO

O segundo mecanismo de aumento de valência utilizado em Terena é a causativização. A estrutura causativa é uma das estratégias que uma língua emprega para representar a relação entre dois eventos, onde em um macro evento temos um agente-causador responsável por levar um causado a realizar uma ação em um evento secundário. As línguas possuem mecanismos para explicitar o nível de controle do causador ou do causado, bem como se a causação é direta ou indireta. De acordo com Whaley (1997), existem três tipos de estruturas causativas: (i) causativa morfológica, (ii) causativa lexical e (iii) causativa analítica ou perifrástica. Consoante o autor, todas as línguas apresentam ao menos um tipo de estrutura causativa. Em Terena, foi possível observar a existência dos três tipos de estrutura causativa. Começemos com a Causativa lexical.

6.6.2.1. CAUSATIVA LEXICAL

Não nos foi possível encontrar muitas ocorrências de causativas lexicais, mas o contraste mais saliente é entre o par matar *'koepokoti'* e morrer *'ivokovone'*, conforme se vê pelos os exemplos a seguir:

- (23) *ivokovo* *ne* *ovoe*
 morrer DET jabuti
 “o jabuti morreu”

- (24) *koepe-ko-a* *varututu* *ne* *ovoe*
 matar-CAUS-3OBJ urubu DET jabuti
 “urubu matou o jabuti”

6.6.2.2. CAUSATIVA MORFOLÓGICA

A causativa morfológica em Terena é marcada por meio de dois prefixos: {ko.} e {i.}, segundo a seguinte distribuição complementar. Verbos transitivos são causativizados por meio do prefixo {i.}, conforme o exemplo abaixo:

- (25) *noi-x-o-a* *seno* *ne* *sini*
 3-VER-CT-MOD-3OBJ mulher DET onça
 “a mulher viu a onça”

- (26) *i-noi-x-o-a* *seno* *ovokuti* *ne* *kalivono*
 CAUS-VER-CT-MOD-3OBJ mulher casa DET criança
 “a mulher mostrou a casa para a criança”

Já raízes nominais ou adjetivais são causativizadas por meio do prefixo {ko.}, sendo que este é um prefixo muito produtivo na língua. Praticamente qualquer nome pode ser causativizado dessa maneira. A função do prefixo {ko.} é adicionar um participante ao evento. Observe o que ocorre com o nome *kenoti* ‘orelha’. No exemplo (27), temos uma instância de posse por justaposição dos constituintes. Comparando este exemplo com os exemplos em (28) e (29), onde há a inserção do morfema causativo, podemos observar que agora temos um constituinte que se comporta como um verbo intransitivo, na ordem VS.

- (27) *keno* *seno*
 orelha mulher
 “orelha da mulher”

- (28) *ko-keno* *ra* *ipine*
 CAUS-orelha DET cerâmica
 “a cerâmica tem orelha”

- (29) *ko-kenoti* *ra* *hoyeno*
 CAUS-orelha DET homem
 “homem tem orelha” [algo causou o homem ter orelha]

Com uma raiz adjetival, a inserção do prefixo causativo torna possível a aparição de ambos os argumentos: causador e causado. Compare os dados com a raiz adjetival *pu’iti* ‘gordo’. No exemplo (30) a raiz aparece em uma construção equativa, na ordem {adjetivo+determinante+nome}. Já no exemplo seguinte (31), a combinação do morfema causativo à raiz *pu’i* “gordo” produz uma estrutura de predicação com dois eventos: o evento da causação em que há um agente típico e o evento causado/incoativo, no qual há uma entidade afetada pela ação.

- (30) *pu’i-ti* *ra* *kure*
 gordo-IMPF DET porco
 “o porco está gordo”
- (31) *ko-pu’i-k-o-a* *hoyeno* *ra* *kure*
 CAUS-gordo-CT-MOD-3OBJ homem DET porco
 “o homem engordou o porco”

Finalmente, é possível que as raízes que recebem o prefixo {ko.} sejam causativizadas novamente ao receberem um novo prefixo {i.}. A título de ilustração, observe os exemplos a seguir, com a raiz nominal *imati* ‘marido’.

- (32) *ko-’ima-ne* *ihine*
 CAUS-marido-PERF filha
 “a filha casou”
- (33) *i-ko-’ima-x-o-a* *ha’a* *ra* *ihine*
 CAUS-CAUS-marido-CT-MOD-3OBJ pai DET filha
 “o pai casou a filha”

Ao compararmos os dados em (32) e (33), é possível notar que a partir da adição do morfema causativo {ko.} é possível a introdução de um novo argumento verbal no exemplo (32), como descrito acima. Neste exemplo “a filha casou” tem a leitura de ‘a filha causou ter marido’. No exemplo (33), com a adição do novo prefixo causativo {i.}, há a introdução de um novo agente, o pai, e a filha passa a se comportar como o objeto direto da oração.

O mesmo raciocínio apresentado acima é válido para a raiz nominal *kenoti* ‘orelha’, a seguir.

(34) *ko-keno* *ra* *ipine*
 CAUS-orelha DET cerâmica
 “a cerâmica tem orelha” [algo causa a cerâmica ter orelha.]

(35) *i-ko-keno-x-o-a* *enom* *ra* *ipuneti* *xuruno*
 CAUS-CAUS-orelha-CT-MOD-3OBJ POSS.mãe DET cerâmica ?
 “minha mãe faz a cerâmica ter orelha”

6.6.2.3. CAUSATIVA ANALÍTICA

A causativa analítica em Terena é realizada inserindo-se o verbo *itukoti* ‘fazer’ à estrutura que se deseja causativizar. A causativa analítica mostrou ser bastante produtiva na língua, ocorrendo com verbos intransitivos e transitivos, conforme mostram os dados a seguir:

(36) *pora hoyeno* *ϕ-itu-k-o-a* *ϕ-hiyoke-x-e-a*
 DET homem 3-fazer-CT-MOD-3OBJ 3-dancar-CT-?-3OBJ

ra seno kalivono
 det mulher criança
 “o homem fez a menina dançar”

- (37) *ϕ-itu-k-o-a* *eno* *ra* *kalivono*
 3-fazer-CT-MOD-3OBJ mãe DET criança
- ϕ-piho-p-e-a* *ovoku-ke*
 3-ir-DIR-?-3OBJ casa-LOC
 “a mãe fez o menino ir para casa”

Além do verbo *itukoti*, outros verbos também podem ser utilizados para causativizar uma sentença, como o verbo *pahukoti* ‘mandar’ e *epenoti* ‘pedir’.

Confira os exemplos:

- (38) (*pora seno*) *ϕ-pahu-k-o-a* *ko-kina-k-e-a*
 DET mulher 3-mandar-CT-MOD-3OBJ CAUS-gordo-CT-MOD-3OBJ
- (*hoyeno*) *ra* *kure*
 homem DET porco
 “a mulher mandou o homem engordar o porco”

- (39) *pora* *enon* *ϕ-epeno-a* *ra* *hoyeno*
 DET mãe 3-pedir-3OBJ DET homem
- ko-xuna-k-e-a* *ra* *kalivono*
 CAUS-forte-CT-MOD-3OBJ DET criança
 “a mãe pediu ao homem para fortalecer a criança”

6.6.3. MORFEMA RECÍPROCO

O morfema que indica reciprocidade é {.koko}. Compare o exemplo em (40), onde o verbo *isukoti* ‘bater’ aparece no seu uso transitivo, com o exemplo em (41), onde o verbo aparece em seu uso intransitivo.

- (40) *ϕ-isu-k-o-a-ti* *eno* *ne* *kalivono*,
 3-bater-CT-MOD-3OBJ-IMPF mãe DET criança
- yane* *ϕ-iyo-ne*
 MD 3-chorar-PERF
 “a mãe bateu na criança, por isso ela chorou”

- (41) *isu-koko-ti* *ne* *hoyeno* *tapi'i*,
 brigar-CT.MOD.RECP-IMPF DET macho galinha
- yane* *ivohi-k-o-vo-ne*
 então morrer-CT-MOD-PASS-PERF
 “Os galos brigaram, por isso morreram”

Note que há um processo morfofonêmico envolvendo o morfema recíproco {-koko}. Em tais contextos, a consoante temática {k} e o sufixo de modo {o} fundem-se às sílabas iniciais do morfema recíproco, conforme se vê abaixo:

- (42) *ovoe yoko* *varututu* *koepe-koko*
 jabuti e urubu matar-CT.MOD.RECP
 “o jabuti e o urubu mataram um ao outro”

Já no exemplo (43), o verbo, cuja consoante temática é {x}, permite a realização plena do sufixo recíproco, conforme a seguir:

- (43) *noi-x-o-koko* *ne* *enoti*
 ver-CT-MOD-RECP DET mãe
 “as mães se viram, depararam”

6.6.4. MORFEMA REFLEXIVO

A língua Terena conta com o morfema {.povo} para indicar que o sujeito e o objeto da ação se referem à mesma entidade. Observe os dados abaixo.

- (44) *ngo-momi-k-o-povo*
 CAUS.1PS-cansar-CT-MOD-REFL
 “eu me cansei”
- (45) *ngotive-povo*
 1PS.COMOVER-REFL
 “eu me comovi a mim mesmo”

- (46) *ka-yu-k-o-povo-ne* *ne* *hoyeno*
 CAUS-VIR-CT-MOD-REFL-PERF DET homem
 “o homem voltou”

6.6.5. MORFEMA DE PASSIVA

Uma estrutura passiva é definida em Crystal (1988) como se “referindo a uma sentença, oração ou forma verbal onde o sujeito gramatical é tipicamente o recipiente ou alvo da ação denotada pelo verbo”²⁰. Em Terena, a voz passiva é de natureza morfológica, sendo marcada por meio do sufixo {.vo}. Este morfema ocorre após a consoante temática e o morfema de modo, conforme se vê pelos exemplos abaixo. Comparando os exemplos (47) com os exemplos (48) e (49) é possível observar que o morfema {.vo} é utilizado para apontar que o agente da ação foi omitido e o foco está no paciente.

- (47) *∅-iri-k-o-a-ti* *kalivono* *ne* *manga*
 3-derrubar-CT-MOD-3OBJ-IMPF criança DET manga
 “a criança derrubou a manga”

Em (47) temos uma oração com todos os argumentos realizados e a concordância de objeto presente no verbo, na ordem básica da língua.

- (48) *∅-iri-k-o-vo-ne* *ne* *manga*
 3-cair-CT-MOD-PASS-IMPF DET manga
 “aquela manga caiu”

- (49) *yane* *iti-x-o-p-ino-a-ne-maka* *ne* *ha'i* *tikoti-hiko*
 MD juntar-CT-MOD-DIR-APL-3OBJ-PERF-TB DET fruto árvore-PL

iri-k-o-vo-ti
 cair-CT-MOD-PASS-IMPF
 “então também juntaram para ele as frutas que estavam caídas”

²⁰ Tradução da seguinte citação de Crystal, (1988):
 “referring to a sentence, clause or verb form where the grammatical subject is typically the recipient or ‘goal’ of the action denoted by the verb.”

Nos exemplos, (48 e 49), temos a ordem de uma sentença intransitiva, na ordem VS ou SV. O mesmo contraste pode também ser observado entre os exemplos (50) e (51).

- (50) *∅-ipixa-x-o-a* *ongo ne ka-'arineti*
 3-curar-CT-MOD-3OBJ 1.tia DET CAUS-doença
 “minha tia curou o doente”
- (51) *ipixa-x-o-vo-ne* *ne ka'arineti*
 curar-CT-MOD-PASS-PERF DET CAUS-doença
 “o doente foi medicado”

É interessante observar a alternância que existe com o verbo *ihikaxo*, ‘ensinar’. O verbo se comporta regularmente como um verbo transitivo, conforme os exemplos (52) e (53).

- (52) *∅-ihika-x-o-a* *seno ne Terena*
 3-ensinar-CT-MOD-3OBJ mulher DET Terena
 “a mulher ensina Terena”
- (53) *∅-ihika-x-o-a* *terena Aronaldo ne kalivono*
 3-ensinar-CT-MOD-3OBJ Terena Aronaldo DET criança
 “Aronaldo ensina Terena à criança”

Quando o mesmo verbo é usado na passiva, o sentido muda de ‘ensinar’ para ‘aprender’, sendo que o objeto de estudo, no caso a língua Terena, não se comporta como o objeto sintático da oração, como é possível verificar no exemplo (54). Neste exemplo, não é possível mudar a ordem dos argumentos, nem fazer com que a concordância se realize no verbo sem que o sentido do mesmo mude.

- (54) *∅-ihika-x-o-vo* *terena ne arunoe*
 3-estudar-CT-MOD-PASS Terena DET moça
 “a moça estuda terena”

6.7. CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

Tomando por base a análise morfológica apresentada nas seções anteriores, podemos concluir que uma raiz verbal pode co-ocorrer com até 9 morfemas, conforme a matriz morfológica proposta a seguir:

MATRIZ MORFOLÓGICA DO TERENA									
Caus ¹	Caus ²	Raiz	CT ²¹	Mod	Benf	OD ²²	Asp	Número	Tempo
	Pessoa				Recip				
	Modo				Reflex				
					Pass				
					Dub				

Tabela 1: Matriz fonológica do Terena

No próximo capítulo, o objetivo é discutir o estatuto dos afixos pessoais no intuito de identificar se os mesmos correspondem a afixos de concordância ou não. A hipótese assumida é a de que o Terena apresenta propriedades de línguas de argumento pronominal.

²¹ CT: consoante temática

²² OD: objeto direto

7. ESTATUTO DA CONCORDÂNCIA NA LÍNGUA TERENA

Este capítulo tem por objetivo discutir o estatuto da concordância pronominal na língua Terena. Para tal, utilizaremos da proposta teórica de Jelinek (1989) no intuito de averiguar se o Terena apresenta propriedades gramaticais de línguas de argumento pronominal, ou não. Conforme veremos a seguir, esta hipótese se sustenta no fato de que sintagmas pronominais de primeira e segunda pessoa não podem co-ocorrer com os afixos verbais de primeira e segunda pessoas. Contudo, a mesma situação não se verifica com a expressão da terceira pessoa, visto ser possível a co-ocorrência do sintagma de terceira pessoa com os morfemas de terceira pessoa.

Este capítulo está organizado em quatro subseções, a saber: a primeira seção retoma a proposta de Jelinek (1989); a seção 7.2 busca estabelecer a definição de concordância a partir da proposta de Crystal (2003), Lyons (1979) e Jelinek (1989); a seção 7.3 apresenta as estratégias gramaticais de realização dos argumentos verbais na língua Terena. Por fim, apresento as considerações finais do capítulo.

7.1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

De acordo com Jelinek (1989), existem línguas, como o inglês, em que os argumentos do verbo só podem vir realizados por meio de sintagmas nominais. Tais línguas são chamadas de línguas configuracionais ou de Argumento Lexical.

Observe o exemplo abaixo do japonês, língua de argumento lexical, onde todos os argumentos do verbo são realizados por meio de um DP pleno:

- (1) *Taroo-ga hanako-ni tegami-o kaita*²³
 Taro-NOM Hanako-DAT carta-ACC escreveu
 “Taro escreveu uma carta para Hanako”

Por sua vez, também existem línguas em que os argumentos são expressos na forma de morfemas de marcação de pessoa (clíticos e afixos), como por exemplo, o Choctaw e Warlpiri. Tais línguas são conhecidas como não configuracionais, ou de Argumento Pronominal. Em línguas de Argumento Pronominal, a morfologia de pessoa e número, interna ao verbo, representa os argumentos diretos do verbo²⁴. Observe o exemplo do Navajo a seguir:

- (2) *ni-sh-hozh*²⁵
 2-1-tickle
 “I tickle you”

De acordo com Jelinek, a propriedade que define essas línguas é a obrigatoriedade do argumento pronominal, ao menos na oração principal. Por outro lado, os itens lexicais e nominais são opcionais. Para a autora estes itens são controlados pelo discurso, normalmente na função de adjuntos.

²³ Exemplo retirado de Pylkkänen, 1997

²⁴ Conforme Jelinek (1989:118), “*there are languages where there are morphologically bound person-marking elements (clitics and affixes) that fill the clausal argument positions.*”

²⁵ Exemplo retirado de Hale (2003), em Formal approaches to function in grammar: in honor of Eloise Jelinek. *Linguistics Today*: 62. 2003.

7.2. POR UMA NOÇÃO GRAMATICAL DE CONCORDÂNCIA

De acordo com Crystal (1988), concordância “é um termo tradicional usado na teoria e descrição gramatical para se referir a uma relação formal entre elementos, por meio da qual uma forma de uma palavra requer uma forma correspondente de outra (isto é, a forma concorda)”²⁶. De acordo com Lyons (1979) “na concordância duas ou mais palavras ou sintagmas se “flexionam” para a mesma categoria (p. ex., número ou pessoa).” Adicionalmente o autor salienta que nas relações de concordância existe sempre um membro principal e um membro dependente. Exemplos de concordância podem ser encontrados no português em que o adjetivo concorda em gênero e número com o determinado, conforme se vê no exemplo abaixo:

(3) *Os carros velhos e as casas novas.*

O inglês também apresenta concordância nos contextos em que o verbo está conjugado na terceira pessoa, conforme o exemplo baixo:

(4) *She speaks Chinese very well.*

Jelinek (1989), por sua vez, define concordância como “uma condição entre elementos tal que combinem em algum traço – pessoa, número, gênero”²⁷. Consoante Jelinek (1989), línguas que apresentam flexão pronominal no verbo e não apresentam pronomes independentes com o qual a flexão deva se combinar

²⁶ Tradução da seguinte citação de Crystal (1988)

“A traditional term used in grammatical theory and description to refer to a formal relationship between elements, whereby a form of a word requires a corresponding form of another (i. e. the forms agree).”

²⁷ Tradução da seguinte citação de Jelinek (1989)

“a condition across elements such that they match in some feature – person, number, gender.”

são línguas que não apresentam concordância no sentido estrito do termo. Jelinek apresenta o caso do árabe egípcio em que a realização do sufixo de objeto {.uh} não deve ser considerada um afixo de concordância, pois o mesmo não entra em operação de concordância com o sintagma objeto que ocorre na oração. Ou seja, o sufixo acusativo e o argumento lexical estão em distribuição complementar, mais precisamente onde um ocorre o outro não pode ocorrer, conforme se nota pelos contrastes a seguir.

(5) *šuft-uh*
 see-him
 “I saw him”

(6) *šuft il-walad*
 see the-boy
 “I saw the boy”

Tomando por base o que ocorre no árabe e os pressupostos teóricos assumidos acima, assumirei neste trabalho que o Terena apresenta um comportamento semelhante ao do árabe no que concerne à realização dos argumentos pronominais. O que se observa é que, quando o argumento de primeira ou segunda pessoas é realizado por meio de um afixo, não é possível a ocorrência de um DP na sentença com o qual o afixo possa estabelecer concordância de pessoa e número. Assim sendo, afixos que codificam a pessoa do sujeito e do objeto não engatilham exatamente uma relação de concordância com o DP na função sintática de sujeito ou de objeto. A razão é simples: tanto o afixo quanto o DP mantêm entre si uma distribuição complementar. Detalhes desta análise serão apresentados nas próximas seções.

7.3. REALIZAÇÃO DOS ARGUMENTOS VERBAIS EM TERENA

7.3.1. PREFIXOS DE SUJEITO

A realização dos argumentos verbais em Terena é marcada no verbo por meio de prefixos de sujeito e sufixos de objeto²⁸. A indicação da primeira pessoa do singular se dá por meio da inserção de um traço suprasegmental [+NASAL] no verbo, conforme regra proposta no capítulo de fonologia. Confira a seguir a expressão da primeira pessoa em contraste com a terceira pessoa:

- | | | |
|-----|---------------------|-------------|
| (7) | <i>∅-ni-k-o-ne</i> | <i>ho'e</i> |
| | 3-COMER-CT-MOD-PERF | peixe |
| | “ele comeu peixe” | |
| (8) | <i>ni-ng-o-ne</i> | <i>ho'e</i> |
| | COMER-CT.1-MOD-PERF | peixe |
| | “eu comi peixe” | |

Adicionalmente, a língua conta com um pronome de primeira pessoa, *undi*. Contudo, não é possível a co-ocorrência deste pronome com o morfema nasal de primeira pessoa, conforme demonstra os exemplos a seguir:

- | | | |
|------|-------------------------|-------------|
| (9) | <i>undi ni-k-o-ne</i> | <i>ho'e</i> |
| | 1 COMER-CT-MOD-PERF | peixe |
| | “eu comi peixe” | |
| (10) | <i>*undi ni-ng-o-ne</i> | <i>ho'e</i> |
| | 1 COMER-CT.1-MOD-PERF | peixe |
| | “eu comi peixe” | |

A segunda pessoa do singular é realizada por meio do prefixo {y.}, inserido na primeira sílaba. Para verbos que são iniciados por consoante, há a

²⁸ Cabe lembrar que a realização da segunda pessoa do plural é feita por meio de um circunfixo.

inserção do traço [+ ANTERIOR], [+ ALTO] na vogal da primeira sílaba, ou na primeira vogal capaz de receber esse traço, conforme descrito no capítulo de fonologia. Os exemplos a seguir indicam a expressão da segunda pessoa em comparação com a realização da primeira e terceira pessoas:

- (11) *umbori-ti*
1.ser magra-IMPF
“eu sou magra”
- (11a) *y-upori-ti*
2-ser magra-IMPF
“você é magra”
- (12) *∅-pi-h-o-ti-mo*
3-ir-CT-MOD-IMPF-FUT
“ele vai depois”
- (12a) *pi-h-e-ti-mo*
ir-CT-MOD.2-IMPF-FUT
“você vai depois”

Da mesma forma como acontece com a primeira pessoa, a segunda pessoa do singular também conta com uma forma pronominal livre, *iti*. Esta forma pode aparecer antes ou após o verbo. No entanto, o pronome livre e o morfema de segunda pessoa não podem co-ocorrer, conforme apontam os exemplos a seguir:

- (13) *pi-h-o-ti-mo* *iti*
ir-CT-MOD-IMPF-FUT 2
“você vai depois”
- (13a) *pi-h-e-ti-mo*
ir-CT-MOD.2-FUT
“você vai depois”

- (13b) **pi-h-e-ti-mo* *iti*
 ir-CT-MOD.2-FUT 2
 “você vai depois”

Para a expressão da primeira pessoa do plural, verbos que iniciam em vogal fazem concordância por meio do prefixo {v-}, conforme a seguir:

- (14) *v-ikoro-k-o-a-ne*
 1-derrubar-CT-MOD-3OBJ-PERF
 “nós o derrubamos”

- (15) *v-ima-k-a*
 1-dormir-CT-?
 “nós dormimos”

Por sua vez, verbos que iniciam em consoante fazem a concordância de pessoa apenas por meio do pronome forte *ûti*, o qual vem posposto ao verbo. Este fato ocorre devido ao padrão silábico da língua, que não aceita encontros consonantais. Confira os exemplos a seguir:

- (16) *pi-h-o-ti-mo* *uti*
 ir-CT-MOD-IMPF-FUT 2
 “nós vamos”

É interessante observar que poderíamos ter o pronome posposto em verbos que não recebem o prefixo de pessoa {v.}, conforme os exemplos em (17) e (19). Entretanto, não podemos ter uma situação em que o pronome co-ocorre com o prefixo de pessoa {v.}, conforme atesta a agramaticalidade dos exemplos em (18) e (20).

- (17) *ima-k-a* *uti*
 dormir-CT-? 1
 “nós dormimos”

- (18) **v-ima-k-a* *uti*
 1.dormir-CT-? 1
 “nós dormimos”
- (19) *kaha'-a-ti* *uti* *ne* *hoe*
 querer-3OBJ-IMPF 1 DET peixe
 “nós queremos peixe”
- (20) **v-kaha'-a-ti* *uti* *ne* *hoe*
 1-querer-3OBJ-IMPF 1 DET peixe
 “nós queremos peixe”

A segunda pessoa do plural é marcada da seguinte maneira: verbos que são iniciados por vogal recebem o prefixo {y.}. Este prefixo vem acompanhado da marcação sufixal de plural {.noe} ou {.hiko}. Já os verbos iniciados em consoante recebem o traço [+ ANTERIOR] na vogal da primeira sílaba ou na primeira vogal capaz de recebê-lo.

Em suma, podemos assumir que pessoa e número são realizados não sincreticamente na expressão da segunda pessoa do plural. Os exemplos a seguir evidenciam este fato:

- (21) *y-apeti-noe-mo*
 2-estar-PL-FUT
 “vocês vão estar lá”
- (22) *keha'a-noe* *hoe*
 2.querer-PL peixe
 “vocês querem peixe?”

A segunda pessoa do plural conta com uma forma pronominal livre, *itinoe*. Esta forma geralmente aparece junto ao verbo, conforme o exemplo (23) abaixo.

- (23) *iti-noe* *kaha'a* *hoe*
 2-PL querer peixe
 “vocês querem peixe?”

No entanto, assim como constatado acima para os demais pronomes da língua, o pronome de segunda pessoa do plural também não pode co-ocorrer com o prefixo de concordância, conforme o dado em (25) a seguir:

- (24) *keha'a-noe* *hoe*
 2.querer-PL peixe
 “vocês querem peixe?”

- (25) **iti-noe* *keha'a* *hoe*
 2-PL 2.querer peixe
 “vocês querem peixe?”

A terceira pessoa do singular recebe marca default { \emptyset .}, conforme demonstra o exemplo em (26). A proposta de um morfema zero para a terceira pessoa se baseia no fato que tal morfema é bastante atestado em outras línguas do mundo.

- (26) *\emptyset -koepe-k-o-a* *ne* *ovoe*
 3-matar-CT-MOD-OBJ DET jabuti
 “ele matou o jabuti”

A terceira pessoa do plural é realizada por meio do prefixo { \emptyset .} acrescido do sufixo de plural {.hiko}, que pode vir afixado ao verbo ou ao sujeito, conforme mostram os exemplos a seguir:

- (27) *\emptyset -ki-x-o-nu-hiko* *pora* *seno* *\emptyset -talaki-x-o-a*
 3-dizer-CT-MOD-1OBJ-PL DET mulher 3-pular-CT-MOD-3OBJ
- ne* *mopo'i*
 DET pedra
 “eles disseram que esta mulher pulou sobre a pedra”

- (28) *ka'aye* *eungo-hiko* *ongo-hiko* *ainovo*
 MD 1.tio-PL 1.tia-PL ser

koexomone-ti-hiko

pajé-PERF-PL

“e então, meus tios e minhas tias são pajés”

Em suma, os dados apresentados até o momento permitem-nos concluir que pessoa e número ocorrem de forma sincrética somente para a expressão da primeira pessoa, visto que a língua emprega somente um morfema para a expressão de pessoa e número. Para a primeira pessoa do singular o traço nasal, para a primeira pessoa do plural o prefixo { .v }. Para a expressão da segunda e da terceira pessoa, podemos afirmar que a língua conta com afixos separados, de sorte que as categorias de número e pessoa são indicados de maneira não sincrética. O quadro a seguir objetiva arrolar os prefixos e pronomes pessoais que ocorrem no verbo.

QUADRO 1: PARADIGMA DE SUJEITO

PESSOA	MARCAÇÃO	
	Afixos	Pronomes
1PS	[+ nasal]	Undi
2PS	[y-]	Iti
3PS	∅-	-
1PP	[v-]	Uti
2PP	[y-] ...[-noe] ~ [-hiko]	Iti-noe
3PP	[∅-.....-hiko]	-

Tabela 1: Paradigma de sujeito

A próxima subseção tem por objetivo apresentar as estratégias de marcação do objeto. Os morfemas de objetos são realizados em sua totalidade por meio de sufixos.

7.3.2. SUFIXOS VERBAIS DE OBJETO

A marcação de objeto se dá por meio de morfemas sufixados à raiz verbal. Na apresentação dos dados a seguir, arrolo o paradigma completo dos morfemas que codificam o objeto na raiz verbal.

- Primeira pessoa do singular: { .nu }.

(29) \emptyset -ki-x-o-nu
3-dizer-CT-MOD-1OBJ
“ele me disse”

- Segunda pessoa do singular: { pi }.

(30) \emptyset -noi-x-o-pi ne seno
3-ver-CT-MOD-2OBJ DET mulher
“a mulher te viu”

Curiosamente, assim como ocorre com a expressão da pessoa do sujeito, para a expressão da pessoa do objeto não é possível haver a co-ocorrência do sufixo e do pronome livre na posição de objeto, conforme podemos observar nos exemplos a seguir:

(31) * \emptyset -noi-x-o-nu undi ne sini
3-ver-CT-MOD-1OBJ 1 DET onça
“a onça me viu”

(32) * \emptyset -noi-x-o-nu sini (ne) undi
3-ver-CT-MOD-1OBJ onça DET 1
“a onça me viu”

- (33) * ϕ -noi-x-o-pi *sini* *ne* *iti*
 3-ver-CT-MOD-2OBJ onça DET 2
 “a onça te viu”

- Primeira pessoa do plural: {.vi}.

- (34) *ovoe* ϕ -noi-x-o-vi
 jabuti 3-ver-CT-MOD-1OBJP
 “o jabuti nos viu”

- Segunda pessoa do plural: {.pi} mais o morfema de plural {.noe}.

- (35) *hoyeno* ϕ -noi-x-o-pi-noe
 homem 3-ver-CT-MOD-2OBJ-PL
 “o homem vos viu”

Da mesma forma que nos dados arrolados acima para o singular, não é possível a coocorrência do pronome livre na posição de objeto e do sufixo de objeto no plural, conforme atestam os dados (36) e (37) a seguir:

- (36) * ϕ -noi-x-o-vi *uti* *ne* *ovoe*
 3-ver-CT-MOD-1 1 DET jabuti
 “o jabuti nos viu”

- (37) * ϕ -noi-x-o-pi-noe *iti-noe* *hoyeno*
 3-ver-CT-MOD-2OBJ-PL 2-PL homem
 “o homem vos viu”

Nota-se que a codificação pronominal do objeto apresenta comportamento semelhante à realização pronominal do sujeito. Ou seja, para a expressão da primeira e segunda pessoas, é possível dispor de sufixos pronominais. O fato mais curioso é que tais sufixos não podem co-ocorrer com um sintagma pronominal na posição de objeto. Em síntese, o que esses dados nos mostram é que a língua não permite a redundância na expressão de primeira e segunda

pessoa, seja para se referir ao sujeito ou ao objeto. Tomando por base estas conclusões parciais, proporei a seguinte generalização descritiva:

A língua Terena não permite a co-ocorrência de afixos verbais e pronomes na primeira e segunda pessoas.

Por sua vez, para a terceira pessoa, é possível observar um comportamento diferenciado. Mais precisamente, nota-se que podemos encontrar o sufixo de objeto { .a } coocorrendo com um NP na função sintática de objeto, conforme o exemplo (38):

- (38) ϕ -*ihi-k-a-x-o-a* *Aronaldo* *ne* *terena*
 3PS-ensinar-CT-MOD-3OBJ Aronaldo DET terena
 “Aronaldo ensina Terena”
- (39) ϕ -*he'ono-a* *ovo'e ne* *kalivono.*
 3-esconder-3OBJ jabuti DET criança
 “o jabuti esconde a criança”
- (40) *yane iti* ϕ -*ki-x-o-a-ne* *varututu* *ne* *ovoe*
 então 2 3-disse-CT-MOD-3OBJ-PERF urubu DET jabuti
 “Então, é você, disse o urubu ao jabuti”

Adicionalmente, como observado para a expressão do sujeito, os dados apresentados permitem-nos afirmar que pessoa e número ocorrem de forma sincrética somente para a expressão da primeira pessoa. Para a expressão da segunda e da terceira pessoa as categorias de número e pessoa são indicados de maneira não sincrética.

Tomando por base os dados apurados até o momento, apresento a seguir o paradigma completo dos morfemas de objeto que ocorrem no verbo, para codificar o objeto de primeira, segunda e terceira pessoa, singular e plural.

QUADRO 2. PARADIGMA DE OBJETOS

	OBJETO
1PS	-nu
2PS	-pi
3PS	-a
1PP	-vi
2PP	-pi... -noe
3PP	-a -hiko

Tabela 2: Paradigma de objeto

7.4. ESTATUTO DOS AFIOS PESSOAIS NA LÍNGUA TERENA

Em suma, tomando por base o que os dados apresentados até aqui demonstram, argumentarei a favor da hipótese de que o Terena apresenta sim propriedades de línguas de argumento pronominal. O principal argumento a favor desta hipótese advém do fato de que os afixos que codificam a primeira e a segunda pessoa não estabelecem exatamente concordância em sentido estrito, já que não podem co-ocorrer com o pronome lexical pleno na função de sujeito e de objeto. Tal proposta mostra que a língua Terena não permite redundância na expressão dos argumentos de primeira e segunda pessoa. Em vista disso, assumirei, doravante, que o Terena apresenta propriedades muito parecidas com as das línguas de argumento pronominal, tal como formulado em Jelinek (1989). Já em relação à terceira pessoa, observa-se que o Terena apresenta o prefixo de sujeito { \emptyset -}, o qual pode co-ocorrer com um DP realizado. O mesmo comportamento se dá com o sufixo de objeto {a-}, já que este também pode coocorrer com um DP realizado na posição de argumento interno do verbo. Em síntese, estes fatos nos permitem assumir que há, sim, relação de concordância

entre o verbo e seus argumentos de terceira pessoa, estejam estes na função de sujeito ou de objeto.

7.5. CONSIDERAÇÕES DO CAPÍTULO

A análise apresentada neste capítulo nos permitiu averiguar que a língua conta com uma série de afixos pronominais para referir-se à pessoa do sujeito e à pessoa do objeto. Mostramos que os afixos de sujeito figuram à esquerda da raiz verbal, enquanto os afixos de objeto vêm à direita da raiz verbal. Observou ainda que os afixos verbais de primeira e segunda pessoa não co-ocorrem com um DP pronominal na posição argumental. Tal fato nos permitiu confirmar a hipótese segundo a qual o verbo na língua Terena não engatilha concordância de sujeito e de objeto na primeira e segunda pessoa. Em vista deste fato, pudemos notar que os afixos de primeira e segunda pessoas estão em distribuição complementar. Já em relação à realização da terceira pessoa, observamos que é possível sim haver a co-ocorrência de afixos pronominais e NPs pronominais plenos, sinalizando assim que, diferentemente dos afixos de primeira e segunda pessoa, os afixos de terceira pessoa têm estatuto de afixos de concordância.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação tivemos por objetivo descrever alguns aspectos da língua Terena. Inicialmente, focamos na discussão sobre a pertinência do estudo das línguas indígenas e sua contribuição para os povos falantes dessas línguas e para a linguística indígena. No mesmo capítulo, foi brevemente apresentada a metodologia empregada nesta pesquisa. Em seguida, descrevi de forma sucinta os principais aspectos da família Aruák, da língua e do povo Terena.

O capítulo 4 foi dedicado à fonologia da língua. Inicialmente, focamos na revisão da literatura que já existe sobre a fonologia. Em seguida, foi apresentada nossa análise, a qual chegou à conclusão de que a língua conta com 13 fonemas consonantais e 5 fonemas vocálicos. O padrão silábico observado foi CVV.

No capítulo 5, dedicamo-nos à análise do fenômeno da posse e sua expressão. A partir dos dados colhidos, foi-nos possível concluir que a língua marca a relação [Possuidor-Possuído] no núcleo do sintagma possessivo. Notamos ainda que há a marcação da relação possessiva por meio da justaposição do possuidor e do possuído. Ademais, a língua distingue a marcação de posse alienável da posse de itens inalienáveis.

O capítulo 6 foi dedicado à descrição da morfologia verbal. Para tal, investigamos os mecanismos de alteração de valência encontrados na língua. Concluímos que tais fenômenos podem ser de aumento de valência ou de diminuição de valência. Os morfemas que indicam aumento de valência são o

morfema aplicativo e o causativo. Já os que indicam diminuição, correspondem aos morfemas que indicam a voz passiva, a voz reflexiva e a voz recíproca.

No último capítulo, avaliamos a hipótese se a língua Terena possui características de língua de argumento pronominal ou não. A conclusão a que chegamos é a de que há sim evidências para assumirmos que o Terena apresenta propriedades muito similares a de línguas de argumento pronominal. A principal sustentação a favor desta análise advém do fato de que a codificação dos argumentos de primeira e segunda pessoas se opõe radicalmente ao sistema de codificação dos argumentos de terceira pessoa. Em suma, a análise mostrou que argumentos de primeira e segunda pessoas podem vir codificados apenas por meio de afixos pronominais, oposto ao que ocorre com os argumentos de terceira pessoa, a qual pode haver a co-ocorrência de afixos pronominais com NPs plenos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIKHENVALD, Alexandra. The Aruák language family. In: DIXON, R. M. W. ; AIKHENVALD, A. Y. AIKHENVALD (Ed.). *The Amazonian Languages*. Cambridge University Press, 1999. pp. 65-105.

AIKHENVALD, Alexandra. Evidentiality in grammar. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. pp. 320-5, Volume 4, 2nd edition. Elsevier: Oxford, 2006.

BENDOR-SAMUEL, J. Some problems of segmentation in the phonological analysis of Terena. *Word*, 16.3, 348 – 55. (1960 [1970])

BICKEL, Balthasar & Nichols, Johanna. Obligatory Possessive Inflection. In: DRYER, M. S. & HASPELMATH, M. (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. chapter 58. Available online at <http://wals.info/chapter/58> Accessed on 2011-09-27.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. *História do povo Terena*. Brasília: MEC, 2000.

BUTLER, N. E. Derivação verbal em Terena. *SIL-SL7*. 1977: 73-100.

_____. Modo, extensão temporal, tempo verbal e relevância contrastiva na língua Terena. Brasília: SILEL, 1978.

_____. The multiple functions of the definite article in Terena. *Série Linguística*, SIL, 2003.

BYBEE, Joan et al. *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CRYSTAL, David. *Language Death*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000.

CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. 5th edition. Blackwell, Publishing, 1988.

DE HAAN, Ferdinand. Semantic distinctions of evidentiality. In: Dryer, Matthew S & Haspelmath, Martin (eds). *The World Atlas of Languages Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, chapter 77, 2011. Available online at <http://wals.info/chapter/77>. Acesso em 10/11/2011

DUARTE, Fábio Bonfim. Distribuição de pronomes fortes, fracos e afixos em línguas de sujeito nulo. In: *Revista do GEL*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 9-30, 2008.

EASTLACK, C. Terena (Arawakan) pronouns. *IJAL* 34: 1-8, 1968.

EKDAHL, M.; GRIMES J. E. Terena verb inflection. *IJAL* 30: 261-268. 1964.

HAIMAN, John. 1983. Iconic and Economic Motivation. *Language* 59: 781-819.

HARDEN, M. Syllable structure of Terena. *IJAL* Vol 12, número 2 (April, 1946).
Pg 60-63.

Instituto Sócioambiental: banco de dados. Disponível em:

<<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/Terena/1041>>.

Acesso em 21/04/11

JELINEK, E. The case split and pronominal arguments in Choctaw. In MARÁ CZ L. & MUYSKEN P., (eds). *Configurationality, The Typology of Asymmetries*, Dordrecht, Foris, 1989:117-14.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. Ed. Nacional. São Paulo, 1979.

MARTINS, C. R. *Fonologia da Língua Terena*. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

NEUBANER NASCIMENTO, Gardenia B. *Aspectos da gramática Terena*. 2009. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2009.

NICHOLS, Johana; BICKEL, Balthasar. Locus of Marking in Possessive Noun Phrase. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds) *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 24. Available online at <http://wals.info/chapter/24>

Accessed on 2011-09-27

NICHOLS, Johanna & Bickel, Balthasar. Possessive Classification. In: Dryer, Matthew S. & Haspelmath, Martin (eds) *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 59. Available online at <http://wals.info/chapter/59>

Accessed on 2011-09-27

PAYNE, T. E. *Describing morphosyntax: a guide for field linguists*. New York: Cambridge University Press, 1997.

PERNISS, P. M., & ZESHAN, U. Possessive and existential constructions: Introduction and overview. In: *Possessive and existential constructions in sign languages* (pp. 1-31). Nijmegen: Ishara Press, 2008.

PROEL, Base de dados. Disponível em:

<<http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/amerindia/Aruák>>.

Acesso em 24/09/09

PYLKKÄNEN, Liina. *Introducing arguments*. Phd thesis. Cambridge, Mass.: Massachusetts Institute of Technology, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tarefas da linguística no Brasil. In: *Estudos Lingüísticos*, v. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e sua pesquisa no Brasil. In: *Ciência e Cultura* vol.57 número 2, São Paulo, 2005.

ROSA, Andréia Marques. *Aspectos morfológicos do Terena (Aruák)*. Três Lagoas: UFMS, 2010. (Dissertação do Programa de Pós graduação em Letras/CPTL/UFMS)

SILVA, Thaís Cristóforo. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SILVA, D. *Descrição da fonologia Terena (Aruák)*. Três Lagoas: UFMS, 2009. (Dissertação do Programa de Pós-graduação em Letras/CPTL/UFMS)

SIEWIERSKA, Anna. Third person zero of verbal marking. In: DRYER, M. S. & HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, chapter 103. 2011. Available online at <http://wals.info/chapter/103>. Acesso em 15/11/2011

SOUZA, Hilda de. *A língua dos índios Kinikinau*. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007. (Tese de doutorado, inédita)

STASSEN, Leon. Predicative possession. In: DRYER, M. S. & HASPELMATH, M. (eds.). *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, 2011. Chapter 117. Available online at <http://wals.info/chapter/117>

Accessed on 2011-09-27

WHALEY, L. *Introduction to typology: the unity and diversity of language*.

Newbury Park: Sage Publications, Inc, 1997.

8. mitake-x-o-a-ne ne hoyeno xokoyoke emeuxa
 arrebentar-CT-MOD-3OBJ-PERF DET homem LOC área
 “o homem arrebentou o fruto na sua área”
9. itea xokoyoke ovoku none ra hoyeno
 mas LOC casa plantação DET homem
- ape xene ya,
 ter estrada LOC
 “mas lá no lugar onde fica a plantação do homem tem estrada lá”
10. enepora xene ako topi xane vekoati,
 DET estrada gente passar-CT-MOD-3OBJ-IMPF
 “nesta estrada muita gente passa”
11. motovati...
 hesitação
12. ve-k-o-ku-ne-mea xane-hiko ehem
 passar-CT-MOD-LOC-PERF-DUB gente-PL MD
 “talvez muita gente passe”
13. yane ape-ne-ka inuxoti ve-k-o-a-ti
 MD ter-PERF-? primeiro passar-CT-MOD-IMPF
- pora xene,
 DET estrada
 “então já existia o primeiro que passa por esta estrada”
14. pohuti hoyeno yakene omoti peyo vaxikita,
 um homem LOC levar animal cabrito
 “um homem para cá que leva um cabrito”
15. yoko’o ra hoyeno aneko-maka ixomoyea
 MD DET homem estar-também fazer
 mitake-x-o-a ra ha’i tikoti
 tirar-CT-MOD-3OBJ DET fruto árvore
 “este homem também estava tirando o fruto da árvore”
16. motovati kopuhikea mbalayu,
 poder encher balaio

mopo'a mbalayu omone
três balaio trazer
“para poder encher balaio trouxe três balaiois”

17. yane pi'ane ihaku kopuhiu
MD dois recipiente encher

motovati kavane-yea-mea pora hoyeno
poder vender-?-DUB DET homem
“então este homem encheu duas vasilhas para talvez poder vender”

18. yane'e keno'o-k-o-ne-maka ra hoyeno kalivono
MD VIR-CT-MOD-PERF-TAMBÉM DET homem criança

ivu'i-x-o-ti mbisikeleti yakene
montar-CT-MOD-IMPF bicicleta LOC
“então veio também um menino para cá montando em uma bicicleta”

19. yane yoko'o ra hoyeno vanukeke ovoheixo
MD MD DET homem alto estar

mitakexea-hiko ha'i ra noneti, motovati kopuhikea
tirar-PL fruto DET planta poder encher

nepone omone-hiko mbalayu
DET trazer-PL balio
“então este homem no alto estava tirando fruta da árvore para encher os balaiois que ele trouxe”

20. yane simoane hoyeno kalivono nepo opekuke
MD chegar-PERF homem criança DET embaixo

nepora xuve ra tikoti noneti none ra hoyeno,
DET pé DET árvore planta planta DET homem
“então chegou o menino embaixo deste pé de árvore, árvore do homem”

21. no-x-o-a-ne hoyeno kalivono enepora
ver-CT-MOD-3OBJ-PERF homem criança DET

eno uhe'e-k-o-ti-noe noneti
bastante bonito-CT-MOD-IMPF-PL planta

veone ra hoyeno ya poke'eke,
 tirar DET homem LOC chão
 “a criança viu as plantas muito bonitas que o homem tirou lá no chão”

22. pi'apene mbalayu kopuhiu
 dois balaio encher
 “dois balaio cheios”

23. yane'e noi-x-o-a-ne hoyeno kalivono
 MD VER-CT-MOD-3OBJ-PERF homem criança
 uhe'ekea ome-x-o-a-ne hoyeno kalivono
 ficar bonito roubar-CT-MOD-3OBJ-PERF homem criança
 pohuti ihaku, pohuti mbalayu
 um recipiente um balaio
 “então o menino viu as frutas bonitas, o menino roubou uma vasilha, um balaio”

24. yane omo-pa-ne eheru-k-o-a-ne ya
 MD levar-DIR-PERF colocar-CT-MOD-3OBJ-PERF LOC
 mbisikeleti-na-ke
 bicicleta-POSS-LOC
 “então levou, colocou na bicicleta dele”

25. yane piho-po-ne, piho-ne ome-x-o-a-ne
 MD ir-DIR-PERF ir-PERF roubar-CT-MOD-3OBJ-PERF
 “então foi embora, foi roubar.”

26. ako naike'e-x-a ra hoyeno ovohei-x-o-ti
 NEG perceber-CT-MOD DET homem estar-CT-MOD-IMPF
 vanuke-ke,
 alto-LOC
 “o homem não percebeu porque estava lá em cima”

27. yane koeku piho-p-ea ra hoyeno kalivono yatike
 MD enquanto ir-DIR-? DET homem criança LOC
 keno'o-k-o-ne-maka pohuti seno kalivono tumune-ke
 vir-CT-MOD-PERF-TB um mulher criança frente-LOC
 “enquanto o menino ia na direção lá de baixo veio também uma menina na frente”

28. mbisikeletike ve-k-o
bicicleta-loc passar-CT-MOD
“passou de bicicleta”
29. itukeovo ihikaxovoti ra seno kalivono
parecer estudante DET mulher criança

eskola-ke-mea yono
escola-LOC-DUB ir
“a menina parece estudante, talvez vai prá escola”
30. yane’e koeku noixea hoyeno kalivono yakene
md enquanto olhar homem criança loc
“então enquanto o menino olhava para cá”
31. komomo komomo
olhar redobro
“olhou firmemente”
39. ki-x-o-a-ne vo’oku itukeovo exoketi-mea
fazer-CT-MOD-3OBJ-PERF porque ser bonita-DUB

ra arunoe
DET moça
“fez porque talvez a moça fosse bonita”
40. yane koane na’akenexeova
md também olhar
“então também olhou para trás”
41. yane pora hoyeno kalivono inumone ka’aye
MD DET homem criança atropelar MD

mopoi mbisikeleti-na
pedra bicicleta-POSS
“então o menino atropelou a bicicleta dele na pedra”
42. yane ikoro-k-o-vo-ne isakea-ne nepone omopone,
MD cair-CT-MOD-?-PERF espalhar-PERF DET levar-DIR-PERF
“então caiu e espalhou aquilo que ele estava levando”
43. omone omeu
levar-PERF roubo
“levou o roubo”

44. ehem mbalayu yoko eno
MD balaio CONJ bastante
- ha'i noneti ya yane ikoro-k-o-vo-ne.
fruto planta LOC MD cair-CT-MOD-?-PERF
“balaio com muita fruta lá então caiu”
45. yane ikoro-k-o-vo ra hoyeno kalivono
md cair-ct-mod-? det homem criança
“então o menino caiu”
46. ape koene-hiko-maka po'i mopo'ati hoyeno kalivono
ter ?-PL-TB outro três homem menino
- yono-ti-hiko-maka
andar-IMPF-PL-TB
“tem também outros três meninos que também estavam andando”
47. yane huvo'o-x-o-a-ne koexepu-k-o-pa-ne-hiko
MD ajudar-CT-MOD-3OBJ-PERF levantar-CT-MOD-DIR-PERF-PL
“então ajudaram-no e levantaram-no”
48. yane kasasa'i-k-o-pa-ne-maka-hiko
MD limpar-CT-MOD-DIR-PERF-TB-PL
“então também o limparam”
49. yane iti-x-o-p-ino-a-ne-maka ne ha'i tikoti-hiko
MD juntar-CT-MOD-DIR-APL-3OBJ-PERF-TB DET fruto árvore-PL
- iri-k-o-vo-ti
cair-CT-MOD-PASS-IMPF
“então também juntaram para ele as frutas que caíram”
50. yane kopuhi-k-o-p-ino-a-ne mbalayu-na-ke
MD encher-CT-MOD-DIR-APL-3OBJ-PERF balaio-POSS-LOC
“então encheram o balaio dele para ele”
51. xokoyoke ne mbalayu omeu,
LOC DET balaio roubado
“no balaio roubado”
52. yane ikeneke koexepu-k-o-p-a-ne-hiko piho-po-ne,
MD depois levantar-CT-MOD-DIR-3OBJ-PERF-PL ir-DIR-PERF
“então depois o levantaram e foram embora ”

53. itea pora hoyeno kalivono ome-x-o-ti
 mas DET homem criança roubar-CT-MOD-IMPF
 ape xovo'i
 ter chapéu
 “mas este menino roubador tem chapéu”
54. ya ikeneke iri-k-o-vo-ne xovo'i,
 LOC atrás derrubar-CT-MOD-PASS-PERF chapéu
 “lá atrás derrubou o chapéu”
55. yane ito-po-no-a-ne-hiko ra mopo'ati
 MD alcançar-DIR-APL-3OBJ-PERF-PL DET três
 hoyeno kalivono pora xovo'iti
 homem criança DET chapéu
 “então os três meninos alcançaram este chapéu (para o menino)”
56. yane humi-k-o-a-ne
 MD assoviar-CT-MOD-3OBJ-PERF
 “então assoviaram o menino”
57. yane omo-p-ino-a-ne
 MD levar-DIR-APL-3OBJ-PERF
 “então levaram o chapéu (para o menino)”
58. kuri-k-o-po-ino-a-ne ra xovo'iti
 entregar-CT-MOD-DIR-APL-3OBJ-PERF DET chapéu
 vo'okuke ra hoyeno kalivono
 porque DET homem criança
 “entregaram o chapéu pra ele porque o menino”
59. toyo toyo koepone yatike
 mancar maneira pra lá
 pihopea e koeku hirikopea mbisikeleti-na,
 foi embora puxar bicicleta-POSS
 “ele foi embora pra lá mancando de uma maneira puxando sua bicicleta”
60. yane pora hoyeno kalivono
 MD DET homem criança

yatike koane ra ha'i tikoti
 LOC DET fruto árvore

ipara-hiko ko'imovane
 presente-PL marmitta
 "então esses meninos foram pra lá com os frutos de presente pra comer
 mais tarde"

75. yane pihone,
 MD ir
 "então foram.

76. enomone koe ra exetina pêra
 DET DET história pêra

itea mbakati v-ihaxea ya v-emo'u-ke.
 mas abacate 1P-chamar LOC 1PL-língua-LOC
 "esta é a história das pêras, mas na nossa língua chamamos de abacate"

A festa dos pássaros no céu

1. ayui ho'openo vanukeke
 festa pássaro céu
 "A festa dos pássaros no céu..."

2. ape-hi ayui ne ho'openo hiko
 haver-EVD festa DET CLAS muito

mekuke ya vanukeke.
 antigamente LOC céu
 "Antigamente, houve uma festa da bicharada no céu"

3. yane ho'uxo-ne-hiko heukoeti ne ho'openo-hiko.
 MD reuniu-PERF-PL todos DET bicho-PL
 "Então, todos os bichos reuniram-se (no céu)".

4. enepone ako-ti amotova pihe-a ako piha.
 aqueles NEG-? poder ir-? NEG ir
 "Aqueles que não podem ir não vão".

5. poeha-ne-hi neko oti amotova pihe-a.
 somente-PERF-EVD aqueles voar poder ir-?
 "Somente aqueles que voam podem ir".

6. poeha-ne-hi varututu ape huxo
 somente-PERF-EVD urubu tem violão
 "dizem que somente o urubu tem violão".
7. hiyeoke hiko enonemo oxo yaneko yoti
 no meio de muito ele tocou durante noite
 "No meio de muitos, ele (o urubu) tocou naquela noite".
8. ape-hi kupaterexa ra varututu
 ter-EVID compadre DET urubu
 "Este urubu tinha compadre".
9. ma-hi ovoe ko-cha
 ?-EVID jabuti CAUS-nome
 "Se chamava jabuti".
10. yane ø-eyeko-x-o-a-ne ovoe
 MD 3PS-descobrir-CT-MOD-3OBJ-PERF jabuti
11. itukeovo-mo varututu oxo
 ?-FUT urubu tocar
 "Então (o jabuti) descobriu que o urubu tocará".
12. yane ø-piho-ne-hi ovoe ovoku-ke ne varututu
 MD 3PS-ir-PERF-EVID jabuti casa-LOC DET urubu
 "Então o jabuti foi para casa do urubu".
13. ovohe-x-o-a-ne hiko ixo-mo itukoxeti.
 permanecer-CT-MOD-3OBJ-PERF PL conversar ?
 "Eles permaneceram conversando".
14. yane ø-eto'o-k-o-vo-ne varututu itukeo-vo-mo oxo.
 MD 3PS-avisar-CT-MOD-?-PERF urubu ?-?-FUT tocar
 "Então o urubu avisou que tocará".
15. yane mbihopoti-ne-ko-po ø-koene-hi ne ovoe
 MD 1PS ir-PERF-?-DIR 3PS-disse-? DET jabuti
 "Então o jabuti disse: vou embora".
16. yane ø-kuri-k-o-po-no-a-ne varututu pahapetea-ke.
 MD 3PS-levar-CT-MOD-DIR-?-3OBJ-PERF urubu porta-LOC
 "Então o urubu levou-o até a porta".

17. \emptyset -kayuhi-koe-ne-hi ne ovoe \emptyset -itukovo-ti \emptyset -pihope-a
 3PS-dar a volta-?-PERF-EVID DET jabuti ?-IMPF 3PS-ir-?
 "(Então) o jabuti deu a volta e fingiu que foi embora".
18. yane \emptyset -urukuvo-ne-hi ovokuti-ke
 MD 3PS-entrar-PERF-EVID casa-LOC
 "Então (o jabuti) entrou dentro da casa".
19. \emptyset -noxo-ne-hi huxo varututu ne ovoe
 3PS-ver-PERF-EVID instrumento urubu DET jabuti
 "Diz que o jabuti viu o instrumento do urubu".
20. \emptyset -urukeova-ne-hi kuveu-ke huxo
 3PS-entrar-PERF-EVID dentro-LOC instrumento
 "Dizem que (ele) entrou dentro do instrumento (da viola do urubu)".
21. yane \emptyset -simo-ne-hi ne varututu
 MD 3PS-chegar-PERF-EVID DET urubu
 "Então dizem que o urubu chegou....."
22. \emptyset -ihu'o kixo-a-ne-hi ne huxo
 3PS-enconstar dizer-3OBJ-PERF-EVID DET instrumento
 "Diz que ele encostou o instrumento".
23. yane ape \emptyset -koe-ne-hi ne ovoe
 MD haver 3PS-aparecer-PERF-EVID DET jabuti
 "Então, de repente, aparece o jabuti".
24. noixo-a ne hiko
 ver-CT-MOD-3OBJ DET PL
 "Eles viram o jabuti".
25. konoko'i ne hiko
 ficar surpreso DET PL
 "Eles ficaram surpresos".
26. na kixeaye simi ki-x-o-a ne hiko
 como ? vir perguntar-CT-MOD-3OBJ DET PL
 "Como veio? eles perguntaram"
27. ako y-exa \emptyset -kixo-a ne ovoe
 NEG 2PS-saber 3PS-dizer-CT-MOD-3OBJ DET jabuti
 "(Vocês) não sabem, disse o jabuti".

28. yane yuponi-ne heu-koe-ne pihope-a
 MD amanhecer-PERF todos-?-PERF ir embora-?
29. ø-koyo'i-ne ne ovoe
 3PS-preocupar-PERF DET jabuti
 “Depois que amanheceu todos foram embora. Então o jabuti ficou preocupado”.
30. yane ø-uruku-po-vo-ne maka kuveu-ke
 MD 3PS-entrar-DIR-?-PERF propósito dentro-LOC
 huxo varututu ne ovoe
 viola urubu DET jabuti
 “Então o jabuti entrou na viola do urubu”
31. yane oxenepo-ke ø-eopa ne varututu
 MD retorno-LOC 3PS-mexer DET urubu
 “Então, no retorno, o urubu mexeu”.
32. ø-atupirike-o-vo ne ovo'e.
 3PS-sacolejar-MOD-? DET jabuti
 “E o jabuti sacolejou(-se)”.
33. yane iti ø-ki-x-o-a-ne varututu ne ovoe
 MD 2PS 3PS-disse-CT-MOD-3OBJ-PERF urubu DET jabuti
 “Então, é você, disse o urubu ao jabuti”
34. ko'oiene ngopuho-k-o-pi-ti ø-ki-x-o-a-ne varututu
 agora 1PSvirar-CT-MOD-?-IMPF 3PS-disse-CT-MOD-3OBJ-PERF urubu
 “Agora, vou virar (a viola), disse-lhe o urubu”.
35. yane ø-putatake-koe-ne ne ovoe poke'e-ke
 então 3PS-espatifar-?-PERF DET jabuti chão-LOC
 “Então o jabuti espatifou no chão”
36. enokuti'ino isapikoti xupunu ne ovoe.
 por isso trincar casco DET jabuti
 “Por isso, o casco do jabuti é trincado”.